

**Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Instituto de Artes
Departamento de Artes Visuais
Graduação em Artes Visuais – Licenciatura**

**PRÁTICAS COLETIVAS E DIÁLOGOS ENTRE LINGUAGENS: EXERCITANDO A
DEMOCRACIA EM SALA DE AULA**

Trabalho de Conclusão de Curso

Leonardo Slaviero Martins

Porto Alegre

2021

Leonardo Slaviero Martins

**PRÁTICAS COLETIVAS E DIÁLOGOS ENTRE LINGUAGENS: EXERCITANDO A
DEMOCRACIA EM SALA DE AULA**

Trabalho de conclusão de curso
apresentado como requisito parcial e
obrigatório para conclusão do Curso de
Licenciatura em Artes Visuais.

Orientadora:

Prof.^a. Dr.^a Andrea Hofstaetter

Banca examinadora:

Prof. Dr. Celso Vitelli

Prof. Dr. Cristian Poletti Mossi

Porto Alegre

2021

Aos meus pais, Antônio Selço e Ergila, por sempre me incentivarem a seguir em frente na vida.

Às famílias e vítimas do Covid-19, e aos amigos queridos que partiram ao longo dessa pandemia.

Agradecimentos

Agradeço à minha família, por todo amor incondicional e incentivo aos meus estudos.

À minha companheira Carolina Wudich, por sempre me inspirar nessa jornada acadêmica, por fazer de mim um ser humano melhor todos os dias.

À professora Andrea Hofstaetter pela orientação, compreensão, incentivo e dedicação ao longo do trabalho.

Aos professores Celso Vitelli e Cristian Poletti Mossi que compõem minha banca, pelo carinho e atenção durante o curso.

Agradeço a todos os professores e professoras do curso de Licenciatura em Artes Visuais que me acompanharam nesta trajetória, sendo sempre admiráveis e abertos ao diálogo.

À Universidade Federal do Rio Grande do Sul, por me acolher, pelo ensino de qualidade e pelas oportunidades concedidas.

À Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre, que integra a rede colaborativa de instituições de ensino superior que formam a UNA-SUS no Brasil, onde eu pude trabalhar ao longo desses anos fazendo ilustrações digitais para materiais didáticos de seus cursos. Obrigado por me fornecerem recursos e materiais tecnológicos que ajudaram a desenvolver e aprimorar minhas técnicas com imagens digitais.

Aos meus colegas da UNA-SUS/UFCSPA, que me inspiraram e me apoiaram a crescer como um ilustrador profissional.

Ao Colégio Estadual Florinda Tubino Sampaio, local onde fiz meu estágio supervisionado. Aos estudantes da escola que me motivaram a acreditar no meu trabalho, a escrever e refletir sobre minha prática docente.

Aos trabalhadores da saúde, onde incluo meu amado irmão enfermeiro Leocir Slaviero Martins, que lutaram na linha de frente durante a pandemia da Covid-19 em todo Brasil, por salvarem milhares de vidas, incluindo amigos e meus familiares que foram infectados e internados.

À Pfizer por desenvolver a vacina que me imunizou durante a pandemia, e a todos que lutaram pelas vacinas e se empenharam arduamente contra o negacionismo no contexto da pandemia de Covid-19 em nosso território nacional.

Resumo

O presente trabalho traz uma reflexão acerca das práticas coletivas e exercício das artes integradas através do viés democrático em sala de aula, por meio da vivência com estudantes em três turmas de sétimos anos do Ensino Fundamental e em turmas do primeiro e segundo ano do Ensino Médio de uma escola da rede pública estadual de ensino, situada na zona leste da cidade de Porto Alegre-RS. A pesquisa se desenvolveu conjuntamente à disciplina de Estágio Supervisionado do Curso de Licenciatura em Artes Visuais, e tem como principal objetivo refletir sobre a importância do papel da docência no que refere-se à experimentação de práticas democráticas e coletivas com artes visuais, a partir de músicas, incluindo o exercício de respeito mútuo e da discussão democrática. Para tanto, foram realizadas atividades em salas de aula por meio de um Projeto de Ensino que visava estimular a produção coletiva e a autogestão dos grupos de estudantes, na busca de um espírito de uma vivência respeitosa e democrática dentro da sala de aula. Portanto, a investigação tem como base o convívio, a realização de atividades coletivas e a reflexão dos resultados obtidos.

Palavras-chave: Ensino da arte, artes integradas, coletividade, democracia.

Abstract

This work brings a reflection on collective practices and the exercise of integrated arts through a democratic bias in the classroom, through the experience with students in three seventh-year classes of elementary school and in classes of the first and second year of high school of a school in the state public education system, located in the east side of the city of Porto Alegre-RS. The research was developed together with the discipline of Supervised Internship of the Licentiate Course in Visual Arts, and its main objective is to reflect on the importance of the role of teaching regarding the experimentation of democratic and collective practices with visual arts, from songs, including the exercise of mutual respect and democratic discussion. For this purpose, activities were carried out in classrooms through a Teaching Project that aimed to encourage collective production and self-management of student groups, in the search for a spirit of respectful and democratic experience within the classroom. Therefore, the investigation is based on living together, carrying out collective activities and reflecting on the results obtained.

Keywords: Art education, integrated arts, collectivity, democracy.

Lista de figuras

Figura 1 – Capa do álbum Cicatrizes, da banda RDSAN.....	11
Figura 2 – Ilustração utilizada no encarte do álbum Cicatrizes, da banda RDSAN.....	12
Figura 3 – Ilustração utilizada no encarte do álbum Cicatrizes, da banda RDSAN.....	12
Figura 4 – Capa do álbum Oportunidade, do músico Sandro Ceren.....	13
Figura 5 – Diário de formação de estágio.....	15
Figura 6 – Ensaio da turma 71.....	16
Figura 7 – Grupo de estudantes trabalhando no conceito da imagem a ser criada.....	18
Figura 8 – Capa acima citada, colada no diário de formação de estágio.....	22
Figura 9 – Turma em círculo na audição coletiva.....	23
Figura 10 – Lousa da turma 71 com a lista de músicas para eleição.....	24
Figura 11 – Estudantes trabalhando em equipe no projeto de capa.....	24
Figura 12 – Cena do videoclipe de Canção Infantil.....	28
Figura 13 – Capa para música Nem de Graça.....	29
Figura 14 – Capa para música Nem de Graça.....	30
Figura 15 – Capa para música Nem de Graça.....	30
Figura 16 – Capa para música Anos Luz.....	31
Figura 17 – Capa para música Anos Luz.....	31
Figura 18 – Capa para música Anos Luz.....	32
Figura 19 – Capa para música Bloodshot.....	32
Figura 20 – Contracapa do caderno de um estudante.....	34
Figura 21 – Arte representando a união na parede da escola.....	37

Sumário

Introdução.....	9
1. Criações coletivas com artes integradas.....	10
2. Democracia e respeito em produções coletivas.....	14
3. Experiências com produções coletivas em sala de aula.....	20
3.1 Projeto de Ensino aplicado no Estágio: Breve descrição.....	22
3.2 Trabalhando com conflitos.....	24
3.3 Aprendizagens resultantes do processo.....	28
Conclusão.....	35
Anexo I.....	39
Anexo II.....	43

Introdução

Neste trabalho decidi realizar uma reflexão sobre as práticas coletivas e exercício das artes integradas experimentados na minha prática docente realizada no Estágio Supervisionado do Curso de Licenciatura em Artes Visuais, realizado em uma escola da rede estadual de ensino situada na cidade de Porto Alegre, em três turmas de sétimos anos do Ensino Fundamental e em turmas do primeiro e segundo ano do Ensino Médio. Esta foi uma experiência importante e particularmente marcante na minha trajetória durante a graduação, uma fonte de reflexões sobre a importância do papel da docência no que tange à experimentação de práticas democráticas e coletivas com artes visuais, a partir de música, incluindo o exercício de respeito mútuo e da discussão democrática .

O ano de 2019 foi quando tive a oportunidade de experimentar a prática docente em sala de aula e compartilhar com os estudantes um projeto de ensino que tem uma ligação com minhas experiências artísticas combinadas com uma temática acerca da democracia, tema este que já era bastante discutido naquele período do país, em todas suas esferas. Naquela época, na escola onde realizei meu estágio supervisionado, os estudantes do Ensino Fundamental estavam imersos em práticas ligadas à música durante meu período de observações, e aquele ambiente alegre, criativo e de certa forma empoderado, devido à maneira pela qual eles sozinhos se organizavam para os ensaios de coreografias das danças, me instigou a integrar a música ao projeto artístico visual.

Com a música é possível trazer para o ambiente escolar um pouco da cultura vivenciada pelas pessoas em suas rotinas do dia-dia, aquilo que as fazem se divertir, emocionar e criar conexões com o coletivo de forma espontânea e genuína. E através de audições coletivas é possível trabalhar de forma simples um pouco da complexibilidade das diversas culturas existentes dentro de uma metrópole como a cidade de Porto Alegre, um verdadeiro emaranhado de tribos urbanas com seus hábitos, vestuários e gostos musicais.

O primeiro capítulo deste trabalho de conclusão de curso de Licenciatura em Artes Visuais faz uma breve descrição de minha vivência profissional em projetos artísticos produzidos no campo da indústria fonográfica naquele mesmo período de tempo, trabalhando coletivamente como ilustrador e diagramador de encartes de discos, e como essa experiência foi catalisadora na escolha da temática das minhas

aulas, que envolvia as músicas ouvidas pelos estudantes e de todo um amplo universo visual associado a elas.

Em seguida, o segundo capítulo fala a respeito da democracia e respeito em produções coletivas e como relações hierárquicas de poder entre estudantes aconteciam nas aulas observadas. Traz também uma breve consideração acerca do dever da escola possibilitar o exercício da democracia através de práticas do cotidiano e a necessidade de superar relações antidemocráticas que geram um ambiente competitivo, agressivo e discriminatório dentro da sala de aula. Discorre também sobre como é necessário o professor entender a relevância do diálogo na relação entre ele próprio e os alunos no que se diz respeito à socialização do conhecimento e impulsionamento da autonomia dos estudantes perante a elaboração de suas aprendizagens.

O terceiro e último capítulo traz uma reflexão da importância das produções coletivas em sala de aula na disciplina de artes na escola, e de como a música é um poderoso instrumento de construção de saberes através do contexto cultural dos estudantes. Neste capítulo também é feita uma breve descrição do projeto de ensino aplicado no estágio, como foram trabalhados os conflitos em sala de aula e as aprendizagens resultantes desse processo, possíveis de observar.

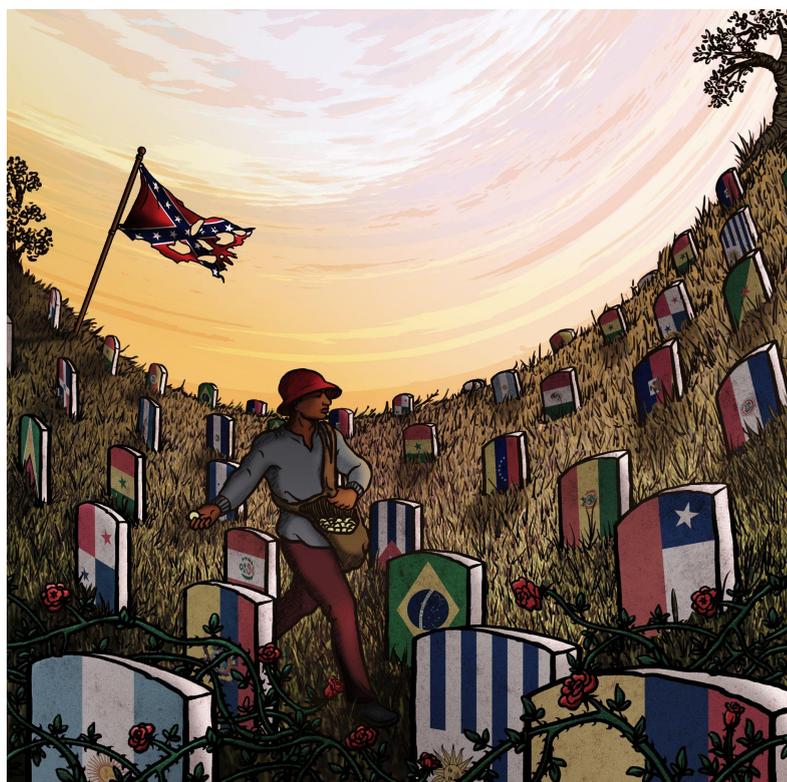
1. Criações coletivas com artes integradas

Este trabalho tem como tema a produção coletiva e as artes integradas como meio de sensibilização para a realização de práticas conjuntas, experimentada na minha prática docente realizada em Estágio Supervisionado do Curso de Licenciatura em Artes Visuais, como já apontado. E de como minha experiência em produções visuais no campo fonográfico foi importante para o desenvolvimento de práticas em sala de aula que visavam o trabalho coletivo e o respeito entre colegas naquele período, tanto na minha carreira profissional como ilustrador profissional e músico.

Minha experiência profissional como ilustrador no campo fonográfico, em trabalhos desenvolvidos de maneira coletiva, começou no ano de 2018 na empresa MARTE Estúdio de Ilustração, que fundei em sociedade com Sílvia do Canto, bacharela em Artes Visuais, graduada no Instituto de Artes da UFRGS. Durante o

período de 2018 a 2020, trabalhamos em alguns projetos de encartes e capas de discos para as bandas Astronauta Sem Passado e RDSAN, e também para o cantor e compositor Sandro Ceren. Os trabalhos desenvolvidos nas artes de capas desses encartes foram produzidas de forma coletiva, sempre depois de reuniões com audições das músicas a serem trabalhadas, tanto no que diz respeito a conceito e estilo gráfico que foram empregados, quanto no próprio trabalho gráfico através de desenhos, pinturas, fotos e colagens utilizadas nos processos.

Figura 1 – Capa do álbum Cicatrizes, da banda RDSAN.



Fonte: MARTE Estúdio de Ilustração.

Quando fomos convidados para trabalhar no projeto de capa para o *single* da música *America*, pela banda RDSAN, depois da reunião de *brainstorm* (reunião onde pessoas colocam suas ideias para que possam chegar a um denominador comum, a fim de gerar ideias inovadoras que levem um determinado projeto adiante) decidimos que iríamos fazer toda arte de maneira conjunta, inclusive com a participação do compositor. Gostamos tanto do resultado e de todo processo em si, que colocamos em prática a maneira coletiva de trabalhar na mesma arte gráfica também nos trabalhos que viriam a seguir.

Figura 2 – Ilustração utilizada no encarte do álbum Cicatrizes, da banda RDSAN.



Fonte: MARTE Estúdio de Ilustração.

Figura 3 – Ilustração utilizada no encarte do álbum Cicatrizes, da banda RDSAN



Fonte: MARTE Estúdio de Ilustração.

Além das técnicas de desenhos tradicionais e digitais, também utilizamos vetorização e colagens de imagens de diversas texturas.

Figura 4 – Capa do álbum Oportunidade, do músico Sandro Ceren.



Fonte: MARTE Estúdio de Ilustração.

Meu Estágio Supervisionado do Curso de Licenciatura em Artes Visuais, com as turmas do Ensino Fundamental e Médio, aconteceu logo após o período em que trabalhava em conjunto com minha sócia e colega Sílvia do Canto nos encartes dos álbuns acima citados, e esse fator temporal, de curto intervalo de tempo, digamos que também serviu como um catalisador para escolha de uma temática que abordasse produções visuais ligadas a produções musicais, potencializando a oportunidade de trabalhar um tema que girasse em torno do cruzamento entre esses campos artísticos, como irei abordar de maneira mais detalhada neste trabalho.

A temática nas minhas aulas girou em torno da música ouvida pelos estudantes e de todo um amplo universo visual associado a ela, que produz pôsteres, cartazes de shows, fotografias e videoclipes. Pretendeu-se mostrar aos alunos como é de suma importância a linguagem visual no campo fonográfico e musical e como essas diferentes dimensões da arte se inter-relacionam.

Através da música e do envolvimento com seu universo fonográfico e de produção gráfica, a aprendizagem se fez por instigar o interesse dos alunos, pois a música é muito presente em nossa vivência social, proporcionando experiências de planejamento e desenvolvimento coletivos ocorridos nas relações interpessoais entre os sujeitos e músicas envolvidas na ação pedagógica. O aprendizado ocorreu a partir de dinâmicas de grupo associadas a experiências pessoais, convergindo com o PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais) – Arte (1998, p. 81), no que se refere a um dos objetivos gerais do ensino de música:

Interpretar e apreciar músicas do próprio meio sociocultural e as nacionais e internacionais, que fazem parte do conhecimento musical construído pela humanidade no decorrer de sua história e nos diferentes espaços geográficos, estabelecendo interrelações com as outras modalidades artísticas e as demais áreas do conhecimento. (BRASIL, 1998, p. 81)

E por meio deste contato com a música de “diferentes períodos históricos e espaços geográficos, o aluno pode aprender a valorizar essa diversidade sem preconceitos estéticos, étnicos, culturais e de gênero” (BRASIL, 1998, p. 79).

A utilização de músicas para trabalhos em grupo teve como objetivo potencializar os encontros, gostos musicais variados e diversos, gerando a partir das interações: debates, planejamento, produções visuais, conexões, saberes, reflexões e sentidos.

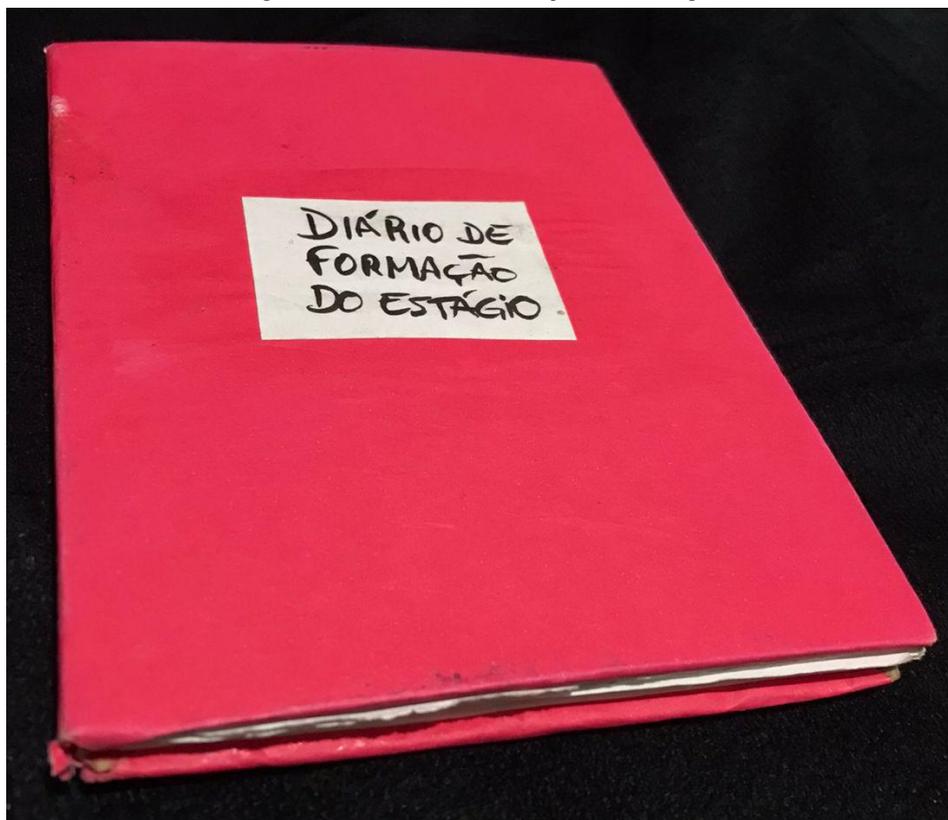
2. Democracia e respeito em produções coletivas

No meu contato inicial com a escola onde realizei meu Estágio Supervisionado, percebi que se tratava de um ambiente em que a música era muito presente, além de uma boa estrutura e um ambiente de convivência com artes distribuídas nas paredes do pátio. Faço esta observação de algo que deveria ser comum em toda comunidade escolar, devido ao fato de haver outra escola estadual que visitei num bairro vizinho que apresentava um cenário completamente oposto em relação às artes em seu ambiente.

Nas primeiras aulas de observação, as turmas do Ensino Fundamental da escola utilizaram as aulas de artes para ensaios, se preparando para um evento que

acontece anualmente no colégio, chamado Tubino's Dance. Logo fiquei com uma boa expectativa, e sistematicamente anotava todas as minhas impressões, dúvidas, dilemas, impressões e questões que ajudariam a pensar minha formação como professor de artes.

Figura 5 – Diário de formação de estágio.



Fonte: elaborada pelo autor.

Minhas observações começaram pelas turmas do sétimo ano, mais precisamente pela turma 71. A aula estava destinada a ser um ensaio para o evento de dança da escola, e logo percebi que eles estavam trabalhando de forma autônoma, tomando sozinhos as decisões de escolhas das músicas. O mesmo aconteceu com as turmas subsequentes que observei durante a semana, isto é, eles organizavam-se de maneira autônoma, o que necessariamente não significa um problema, porém, entre todas as coisas, o que mais me chamava atenção eram as discussões ásperas que aconteciam na hora de escolher uma música como tema para o evento. Em nenhuma das turmas observadas aconteceu algum tipo de escolha através de votos envolvendo todos os participantes. Era visível as relações hierárquicas de poder que ocorriam entre os próprios estudantes, onde alguns escolhiam e tomavam decisões pela maioria.

Figura 6 – Ensaio da turma 71.



Fonte: elaborada pelo autor.

Relações hierárquicas, centralizadoras e autoritárias ainda são muito presentes em diversas escolas. Criar mecanismos que propiciem uma experiência potencializadora na formação de cidadania através de práticas que estimulem uma aprendizagem social entre os alunos em ações concretas dentro do ambiente escolar é cada vez mais importante em tempos de incertezas democráticas no âmbito político social do país.

A polarização política está evidente em diversos campos de nossa sociedade, e não seria diferente nas escolas. Em turmas dos anos finais do Ensino Fundamental já é possível observar influências de debates de polaridades extremadas, nem que seja num nível, digamos, mais ingênuo, sem uma profundidade crítica. E quanto mais perto dos anos finais do Ensino Médio, mais vivo e acalorado este debate se encontra. Sabemos que alunos não são seres alienados do contexto social. Muitas vezes suas atitudes, talvez, possam ser apenas repetições de falas ouvidas em casa, no mercado, na rua, nos veículos de comunicação, o fato é que esse assunto também está vivo num ambiente escolar. Se pensarmos que uma sociedade democrática que tenha como alicerce estrutural o respeito pelo outro, pelo diferente, ela não surge do nada, e assim chegamos

como de costume à conclusão de que a educação é a base formadora desse espírito democrático. É dever da escola possibilitar o ensino de democracia através de práticas do cotidiano, bem como apontava Freire (2014, p. 67-68):

As crianças precisam crescer no exercício desta capacidade de pensar, de indagar-se e indagar, de duvidar, de experimentar hipóteses de ação, de programar e não apenas seguir os programas a elas, mais do que propostos, impostos. As crianças precisam de ter assegurado o direito de aprender a decidir, o que se faz decidindo.

Várias práticas são exigidas na construção de uma educação democrática, dentre elas estão: promover o diálogo, a escuta, a autonomia, a troca de experiências, o compartilhamento de decisões e a descentralização das relações de poder. Mas como promover isto em poucos minutos semanais de aulas de artes? Uma das maneiras que encontrei de promover um pouco de práticas democráticas dentro de sala de aula foi criando atividades coletivas nas turmas que trabalhei durante meu período de estágio obrigatório. Pensei que uma das maneiras que poderia promover um pouco de autonomia entre eles, seria justamente os dividindo em pequenos grupos onde eles teriam que lidar com todos pontos citados acima para construção de uma educação democrática, e através da autogestão do grupo para fins de execução de trabalhos onde eles tinham autonomia para decidir quais seriam os processos realizados para uma determinada atividade. Atividade esta que deveria ser fruto também de uma escolha coletiva entre os próprios estudantes. A escolha de dividir a turma para realizarem o trabalho em pequenos grupos, foi uma forma de estimular uma produção baseada em uma organização cooperativa, cujo objetivo principal é o de vincular os alunos entre si, onde o próprio perceba que o seu bom rendimento afeta e beneficia também o rendimento de seus colegas, ampliando assim suas responsabilidades.

O diálogo entre professor e alunos é essencial na transmissão de saberes emancipadores que os guiarão no caminho da formação de exercícios de democracia, e imprescindível no esclarecimento da inviabilidade de qualquer conquista democrática que não contemple o respeito ao próximo.

Respeitar decisões democráticas e trabalhar suas diferenças através do diálogo construtivo, em quaisquer que sejam as iniciativas dentro do ambiente escolar deve ser fundamental. Não existe democracia sem respeito.

Figura 7 – Grupo de estudantes trabalhando no conceito da imagem a ser criada



Fonte: elaborada pelo autor.

Devido à complexidade de construir uma educação democrática, é necessário superar relações antidemocráticas que tradicionalmente se encontram em ambientes e práticas escolares que potencializam o preconceito e constroem um ambiente competitivo, agressivo e discriminatório (PUIG et al., 2000, p. 23). Segundo os autores, para evitar um cenário avesso à educação democrática, eles afirmam que:

[...] a participação democrática permite uma gama de experiências básicas aos estudantes para a sua educação moral. Enfrentar os problemas que, inevitavelmente, se apresentam na vida coletiva, sem refutá-los ou solucioná-los mecanicamente, mas conversando com justiça e solidariedade, são vivências que deveríamos proporcionar aos nossos alunos e alunas. (PUIG et al., 2000, p. 24).

A escola deve preparar seus estudantes para viver em uma sociedade democrática, propiciando práticas pedagógicas que dão respaldo ao espírito democrático e seus valores, através de práticas coletivas que não sejam alienadas da realidade social na qual a comunidade escolar esteja inserida.

Cabe ao professor entender a importância do diálogo na relação entre ele próprio e os alunos no que se diz respeito a socialização do conhecimento, buscando através de práticas impulsionar a autonomia dos estudantes perante a elaboração de suas aprendizagens. Em respeito a isto, a pedagogia proposta por Paulo Freire vem muito a colaborar no entendimento de que é necessário um movimento inclinado à humanização das relações sociais no ambiente escolar, que com as relações interpessoais ponderadas pelo diálogo, busque algo que promova uma ampliação na visão de mundo dos envolvidos nesse processo de ensinar e aprender, uma construção coletiva do conhecimento.

[...] ensinar não é transferir conteúdo a ninguém, assim como aprender não é memorizar o perfil do conteúdo transferido no discurso vertical do professor. Ensinar e aprender têm que ver com o esforço metodicamente crítico do professor de desvelar a compreensão de algo e com o empenho igualmente crítico do aluno de ir entrando como sujeito em aprendizagem, no processo de desvelamento que o professor ou professora deve deflagrar. (FREIRE, 1996, p 118-119).

A construção contínua das aprendizagens formais do sujeito perante a sua realidade e seus significados atribuídos, se dá nessa visão de educação baseada no diálogo, sendo essa uma proposta embasada em um sistema essencialmente democrático e horizontal, que empodera os indivíduos em seu processo de aprendizagem.

A abertura para o diálogo se dá no entendimento de que o ato de falar necessita caminhar em conjunto com o de escutar, isto é, ter a compreensão da necessidade de se permitir estar aberto, e em todo o ambiente escolar e principalmente em sala de aula, fazer-se entender que todos caminham juntos nesse processo comunicativo, evitando assim de se colocar numa posição de detentor do saber, tendo a humildade de compreender que não existem donos da verdade, e desta forma passar para os estudantes que uma via de relação horizontal se percorre única e exclusivamente através do respeito.

Foi nesse sentido, e principalmente na busca dessa via, que tentei de certa forma direcionar meu projeto de ensino desde minha primeira experiência docente em sala de aula no estágio supervisionado. Comecei com esse propósito desde o início, pois sabia que aquele seria o melhor momento para colocar em prática aquilo que me motiva como um cidadão que vive de arte e nutre pela carreira de professor

uma esperança de fortalecimento de uma via horizontal respeitosa entre os estudantes. O respeito entre colegas é essencial e por muitas vezes frágil, pois também sendo um estudante por muitos anos, aprendi que isso também se constrói com bases fortes e sólidas através do exercício de práticas e vivências éticas e democráticas, alicerces para um ambiente de estudos saudável, ético e respeitoso.

3. Experiências com produções coletivas em sala de aula

A sala de aula é um lugar propício para prática coletiva, seja qual for o campo do conhecimento a ser trabalhado, pois trata-se geralmente de um grupo formado por dezenas de pessoas num mesmo espaço físico, estudando e compartilhando o mesmo conteúdo. É muito comum acontecer trabalhos em grupos em diversas disciplinas na vida escolar, e nas aulas de artes existem também possibilidades de trabalhar um projeto coletivo. O que eu percebo, mesmo sendo um total leigo no terreno da psicologia, é que no campo das artes existe um diferencial em relação a outros componentes curriculares quando se trabalha em grupos e de maneira coletiva num determinado projeto. Trata-se da possibilidade, digamos mais espontânea, de liberdade na construção de um objeto através de uma dinâmica das subjetividades. A psicanalista Beatriz Judith Lima Scoz faz as seguintes ponderações sobre a pressuposição de arte e sensibilidade na instituição de subjetividades:

A subjetividade não é algo ordenado e definido de uma vez por todas, mas se expressa na confluência de uma série de sentidos que podem aparecer de variadas formas, dependendo do contexto de sua expressão. [...] A subjetividade pode ser compreendida como algo em construção, com base nos sentidos que os sujeitos vão produzindo na condição singular em que se encontram inseridos em suas trajetórias de vida e, ao mesmo tempo, em suas diferentes atividades e formas de relação. Assim, é o resultado das complexas sínteses das experiências individuais dos sujeitos em diferentes contextos de expressão (Scoz, 2008, p. 5).

Através da arte, como em outros componentes curriculares, o sujeito tem a possibilidade de identificação de um objeto externo e torná-lo subjetivo, e quando penso numa dinâmica de vários sujeitos que trabalham num mesmo objeto, acredito que o leque de possibilidades se amplia para além de suas zonas de conforto.

Quando comecei a pensar na elaboração do meu projeto de ensino a ser aplicado nas turmas que estava observando, o que eu tinha em mente como metodologia era totalmente inspirado na proposta de Abordagem Triangular desenvolvido pela educadora Ana Mae Barbosa, onde os pilares são: contextualizar, apreciar e praticar. Essa proposta é bastante aplicada por professores de artes nas escolas brasileiras desde a década de 90, é interessante lembrar que não se trata de um modelo ou método engessado, sem um vínculo teórico padronizado. Segundo Barbosa ” (...) refere-se à uma abordagem eclética. Requer transformações enfatizando o contexto” (Barbosa, 2010, p. 10) e portanto sua estrutura permite a utilização de diversos campos da arte e da cultura, entre elas a música.

No intuito de trazer para a sala de aula o contexto cultural dos estudantes, de suas vivências do dia-dia, a música é um poderoso instrumento de construção de saberes. A música geralmente aparece associada a diversas formas de linguagem em nossa sociedade, como dizem Nassif e Schroeder:

Nossa sociedade atual prioriza, com muita veemência, a área visual, a imagem, as realizações plástico-picturais. Num certo sentido, as sonoridades acompanham muitas vezes essa ênfase visual, como na tv, no cinema, na internet. Contudo, a dimensão sonora aparece muitas vezes em função da imagem, o que favorece um certo grau de dependência do som em relação à imagem. E isso nos leva a uma segunda situação, que é o fato de a música, na vida, aparecer sempre integrada a outras linguagens, seja a visual, seja a verbal, seja a da cena, seja a dos movimentos. Em suma, além da abstração inerente à linguagem musical em si, nosso meio social tende a colocar a música em espaços nos quais ela acontece em cumplicidade com outras linguagens e não de modo autônomo. (NASSIF e SCHROEDER, 2014, p.103)

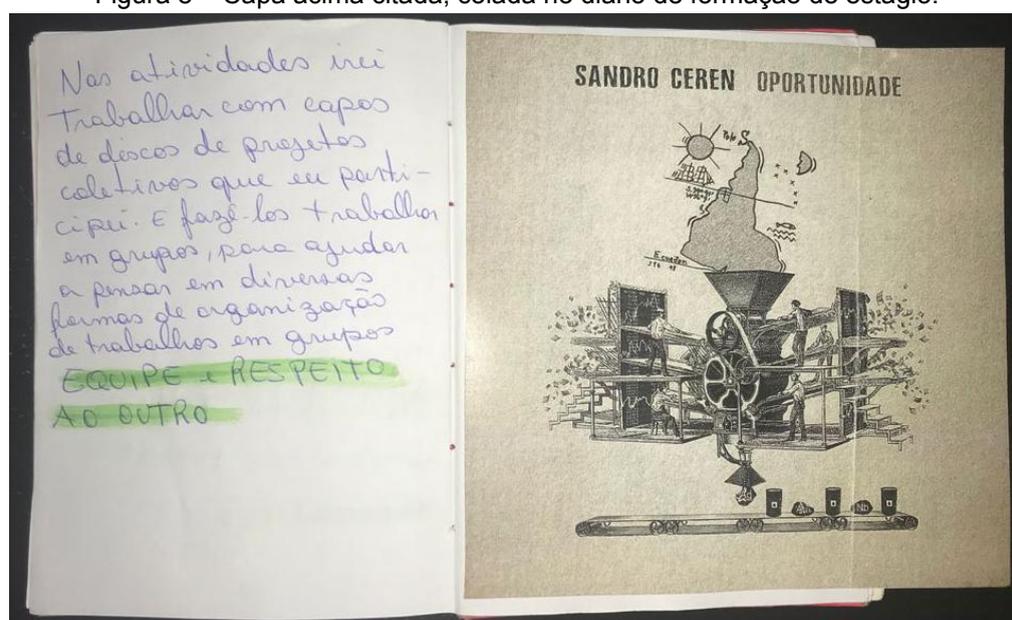
Pensando nisso, e tendo também já tendo experienciado em minha carreira profissional produções coletivas visuais, cujo objeto de sensibilização para a produção de uma imagem era a música, então coloquei-a como a obra a ser contextualizada no esquema de abordagem triangular. Ao invés de a sonoridade ser utilizada para dar ênfase a uma imagem, como disseram os autores acima, neste projeto de ensino os papéis de música e imagem se invertem. A música foi o elemento disparador, o material a ser contextualizado, estudado e debatido criticamente no início do processo de criação entre os estudantes.

Anteriormente já havia falado um pouco sobre as discussões ásperas e relações hierárquicas de poder que ocorriam entre os próprios estudantes, onde alguns escolhiam e tomavam decisões pela maioria, e também sobre as dificuldades das turmas nas escolhas das músicas para apresentação no festival de dança da escola. Tudo isso sem esquecer da necessidade de criar mecanismos disparadores de exercício da democracia em âmbito escolar, em tempos onde esse tema está bastante polarizado em nossa sociedade, e trabalhar sobre isso é cada vez mais delicado e necessário. E foi neste sentido que no projeto de ensino a dinâmica de escolha das músicas a serem trabalhadas se deu num processo democrático de escolha, por meio de votos.

3.1 Projeto de Ensino aplicado no Estágio: Breve descrição

No primeiro dia de aula em cada turma, expliquei como seria o projeto de ensino que iríamos trabalhar. Mostrei exemplos de capas de discos e singles de diversos artistas, inclusive de projetos que tive a oportunidade de trabalhar, sendo um deles do álbum Oportunidade do músico Sandro Seren, foi finalizado naquela mesma semana e pude mostrá-los em primeira mão, antes mesmo do próprio compositor da música que havia feito a encomenda do trabalho. Pedi para que cada um deles pensassem durante a semana numa música que gostariam de colocar para tocar em sala de aula, e candidatá-la a música em que a turma iria trabalhar visualmente. Todos deveriam trazer um título de alguma canção de sua predileção.

Figura 8 – Capa acima citada, colada no diário de formação de estágio.



Não era necessário trazer nenhuma mídia física ou equipamento de som, pois eu estava incumbido de levar o equipamento necessário para a reprodução das músicas em sala de aula através da internet.

No segundo dia, começaram as audições, cada música que tocava tinha seu título anotado na lousa. Em cada turma, os estudantes formaram um círculo com a caixa de som no centro. Uma música foi eleita em cada turma.

O terceiro e quarto dias foram dedicados nas turmas a produção trabalhos feitos em trios, de imagens que representassem visualmente as músicas eleitas pelas turmas. Não existia uma regra de como deveria ser feita a imagem, eles estavam cientes que estavam livres para escolher qualquer técnica, desde que fossem produzidos em sala de aula.

O quinto dia seria o da apresentação dos trabalhos produzidos. O que não ocorreu na maioria das turmas devido ao início de uma greve de professores do Estado, o que acabou inviabilizando as aulas naquele final de semestre.

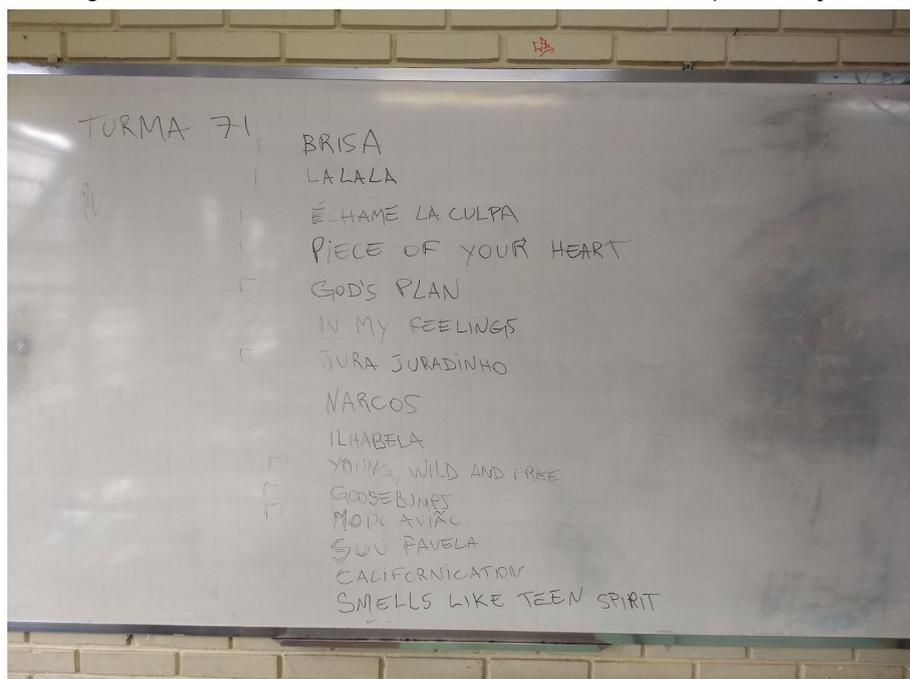
O projeto teria mais aulas que estavam programadas, que incluía um dia de edição de videoclipe no laboratório de informática, utilizando as músicas e as ilustrações feitas pelos grupos.

Figura 9 – Turma em círculo na audição coletiva.



Fonte: elaborada pelo autor.

Figura 10 – Lousa da turma 71 com a lista de músicas para eleição.



Fonte: elaborada pelo autor.

Figura 11 – Estudantes trabalhando em equipe no projeto de capa.



Fonte: elaborada pelo autor

3.2 Trabalhando com conflitos

Um fato que me chamou muito a atenção, e que com certeza me marcou, foi que na turma 107 do Ensino Médio, noturno, eles eram realmente polarizados politicamente e literalmente divididos ao meio nas disposições das carteiras em sala de aula. Fiquei sabendo disso no dia em que apresentei meu projeto para eles, e

expliquei como seriam as dinâmicas das aulas. Quando eles ficaram sabendo que o trabalho seria feito em grupo e que a música seria eleita pela turma, logo eles se manifestaram e explicaram o porquê não iriam realizar a tarefa, que eles tinham desavenças políticas e que a turma já havia passado por muita discussão sobre esse tema. A princípio eu fiquei chocado, pensei que era apenas uma brincadeira deles, mas eles realmente eram divididos, até mesmo no espaço físico da sala. Esta turma era composta por estudantes de diversas idades, e acredito que seja importante também ressaltar que era predominante o número de adultos, pessoas que trabalham durante o dia e estudam no turno da noite. Conversei com eles e pedi para que eles dessem uma chance ao projeto que eu estava propondo colocar em prática. Eles toparam, um tanto desconfiados, mas pedi a eles um voto de confiança, afirmando que trabalhar com músicas seria muito interessante. Através do diálogo com eles, utilizei alguns argumentos que tinham foco na empatia, de que eu não estava ali somente para ensinar, que eu também era um aluno, e também tinha muito a aprender com aquela experiência, resaltei que minhas aulas também seriam observadas pelos meus professores, e que acreditava que se eles se permitissem esquecer por um instante os problemas, as dinâmicas seriam muito agregadoras para todos nós. O diálogo sincero funcionou, pois não queria que eles fizessem apenas por fazer, mas que vissem que eu tinha proposta de trabalho que seria interessante e descontraída.

Sei que o ambiente escolar também é composto por conflitos interpessoais de diversas naturezas, inclusive política, porém, se deparar com uma classe dividida ao meio, ou melhor dizendo, perceber que ela era dividida unicamente por conflitos ligados ao debate político no meu primeiro dia de aula como estagiário, foi um tanto surreal a princípio, no entanto, sabia que trabalhar isso estava contemplado em meu projeto, pois educar para o conflito é algo necessário, assim como destaca Saéz:

Como a convivência entre os seres humanos está cheia de conflitos de todo tipo, os quais habitualmente se resolvem por meio da força, da coerção ou da violência, o objetivo de uma educação para a paz seria a generalização de um tratamento desses conflitos baseado no diálogo, na cooperação e no respeito mútuo entre os principais atores envolvidos nos problemas. Mais do que de educar para a paz, é preciso educar para o conflito". (SAÉZ, 2003, p.66)

O dia da audição coletiva coincidiu também com a data em que minha aula seria observada pela minha orientadora de estágio, a professora Paola Zordan, que

ficou sentada ao fundo da sala com seu caderno de anotações. De certo, logo no início, eles perceberam que eu realmente, naquele dia, também eu era mais um estudante naquela sala, assim como eles, e eu acredito que um certo ar de empatia comigo tomou conta daquela sala instantaneamente. Não acredito que foi resultado de uma dinâmica apenas de poder, pois de certa forma, percebi um sentimento de empatia deles comigo, que acredito ter sua origem no diálogo que tivemos na aula anterior, no qual eu havia dito que estava ali para aprender também.

Os estudantes formaram um círculo, coloquei a caixa de som para funcionar, e assim que começou a primeira música, a turma se desarmou de suas rixas, risos e gostos musicais em comum foram compartilhados naquela noite ao tocar das músicas que eles iam colocando. Foi lindo demais. Todos se divertiram e participaram de um processo eleitoral aos risos. Quem diria, uma turma que alegava ter suas diferenças em decorrência de ideologias políticas, foram os mesmos que quebraram o gelo de meses numa aula que teve um processo de eleição, porém, desta vez eram suas músicas e preferências artísticas que foram colocadas para escolha de todos. Foi visível o quanto as músicas tiveram um impacto positivo naquela dinâmica de grupo, pois de certa forma, cada música representava um pouco do cotidiano de cada estudante, ofereceu motivação e algumas conexões entre o grupo. Não tenho como afirmar que eles seguiram daquela maneira, menos fechados uns com os outros nas aulas de outras disciplinas no decorrer daquela semana, o que sei, é que eles estavam com um espírito ainda leve no encontro seguinte que tive com eles.

Durante a semana eles continuaram refletindo sobre o projeto que iríamos trabalhar, e logo que entrei na sala de aula, já estavam arrumando as cadeiras em círculo novamente, e me disseram que pensara sobre a música que foi eleita no encontro anterior e perceberam posteriormente que ela não seria boa para trabalhar, pois tinha uma letra, na opinião deles, muito “pobre”, e que foi necessário fazer um impeachment da música eleita durante a semana, portanto, era necessário fazer uma nova eleição. Fizemos a nova eleição e outra música foi eleita. Este ato deles me pegou de surpresa e me deixou bastante feliz, pois foi um ato democrático organizado através do respeito e diálogo de forma autônoma por parte dos próprios estudantes. Conforme afirma Piaget, existem dois tipos de relações sociais: as de coação e as de cooperação, relacionadas a dois tipos de respeito: o unilateral e o mútuo.

Há uma forma de equilíbrio para a qual a moral tende a evoluir. E, apesar de não existirem relações puras de coação e relações puras de cooperação, as relações de cooperação são um ideal a ser cada vez mais vivenciado, pois seus efeitos são qualitativamente diferentes dos da coação (PIAGET, 1998, p.118).

Outro acontecimento marcante em minha experiência como estagiário em sala de aula, no que concerne à importância do respeito mútuo aconteceu na turma 72. Era dia de audição das músicas da turma, tudo estava transcorrendo tranquilamente. Em cada música que era colocada para tocar, eu perguntava para o estudante se havia algum motivo especial para ter aquela canção específica e o que mais lhe chamava atenção nela. Em certo momento, um estudante pediu a música “Canção Infantil”, de César Mc. Feat. Crystal. No exato momento em que ele disse o nome da música, alguns colegas começaram a rir e caçoar com o título da música. Prontamente eu pedi para turma ter respeito, e no mesmo instante o estudante que havia solicitado a música, me pediu para não tocar a canção que ele havia escolhido para aquele dia. Expliquei para turma que o respeito é necessário e que não era legal aquele tipo de atitude com um colega, que eu fazia questão de ouvir a música. No entanto, o estudante pediu novamente para eu não colocar a canção, e ele estava visivelmente triste. Então respeitei a vontade dele. Ao chegar em casa coloquei a música para tocar, e fiquei muito sensibilizado com ela. A música de Cezar MC é do gênero rap, tem uma letra muito rica e emotiva, fazendo um jogo intertextual com canções infantis e contos de fadas.

Era uma casa não muito engraçada
Por falta de afeto, não tinha nada
Até tinha teto, piscina, arquiteto
Só não deu pra comprar aquilo que faltava
Bem estruturada, às vezes lotada
Mas mesmo lotada, uma solidão
Dizia o poeta, o que é feito de ego
Na rua dos tolos gera frustração [...] (CEZAR MC, 2019).

Essa letra é carregada de um desabafo poético que transita pela música através de questionamentos filosóficos e sociais: O que é a vida? Como vencer uma

realidade violenta que nos ameaça diariamente? Este é Um rap repleto de sentimentos e citando em alguns trechos acontecimentos reais ocorridos em comunidades pobres. Ao assistir o vídeo da música, fiquei mais admirado, pois o plano audiovisual tem em um de seus espaços principais uma sala de aula, um lugar de transformação, um dos lares da infância onde se aprende sobre a vida em contato com as artes e a literatura.

Figura 12 – Cena do videoclipe de Canção Infantil.



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=Ri-eF5PJ2X0>

No encontro seguinte que tive com a turma, comecei solicitando mais uma audição e coloquei a música “Canção Infantil” a tocar na sala de aula. Pedi para que eles prestassem atenção na melodia e na letra. Após a audição coletiva, perguntei o que achavam da música, e se eles a conheciam. Alguns fizeram a ligação com o ocorrido na aula anterior e expressaram suas reflexões sobre respeito aos colegas e suas preferências. Organizei um breve debate sobre o tema, aproveitando para salientar que não é correto julgarmos algo pelo rótulo ou título, e que evitar qualquer tipo de preconceito será sempre essencial para uma convivência saudável e ética entre amigos, colegas e sociedade. A turma estava muito entrosada e cheia de energia, como é comum num sétimo ano do Ensino Fundamental, e o estímulo ao pensamento complexo e espaço de debate entre os estudantes, se mostrou eficaz e produtivo.

3.3 Aprendizagens resultantes do processo

Durante o período do meu estágio no segundo semestre do ano de 2019, os professores da rede estadual de ensino no estado do Rio Grande do Sul entraram em greve, incluindo os professores da escola onde eu realizei meu estágio supervisionado. Com isso, meu projeto de ensino não foi finalizado integralmente

com os estudantes. Ficaram faltando algumas etapas que incluíam a entrega de parte material dos trabalhos que eles estavam produzindo. Mesmo assim acredito que o fundamental da proposta do projeto teve seu objetivo atingido, pois além de incentivá-los a trabalhar e a pensar em diversas formas de organização em equipe, que geraram debates sobre músicas, cultura e arte, os estudantes puderam vivenciar experiências democráticas em sala de aula.

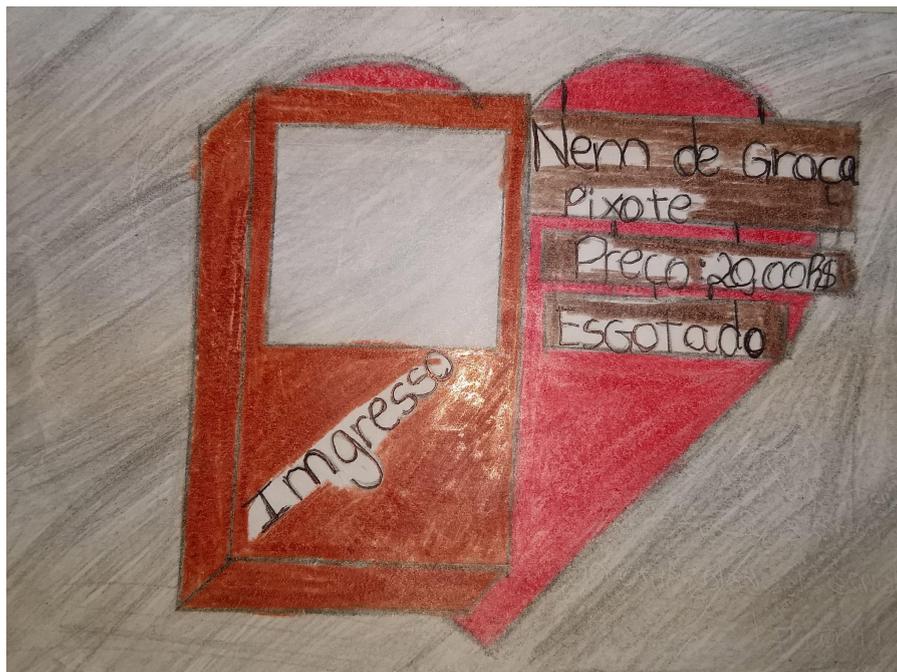
Antes da greve, consegui pegar apenas alguns trabalhos de ilustrações das capas das músicas de alguns grupos de estudantes, entre eles estão estes que irei mostrar a seguir:.

Figura 13 – Capa para música Nem de Graça.



Fonte: Estudantes da turma 71.

Figura 14 – Capa para música Nem de Graça.



Fonte: Estudantes da turma 71.

Figura 15 – Capa para música Nem de Graça.



Fonte: Estudantes da turma 71.

Figura 16 – Capa para música Anos Luz.



Fonte: Estudantes da turma 72.

Figura 17 – Capa para música Anos Luz.



Fonte: Estudantes da turma 72.

Figura 18 – Capa para música Anos Luz.



Fonte: Estudantes da turma 72

Figura 19 – Capa para música Bloodshot.



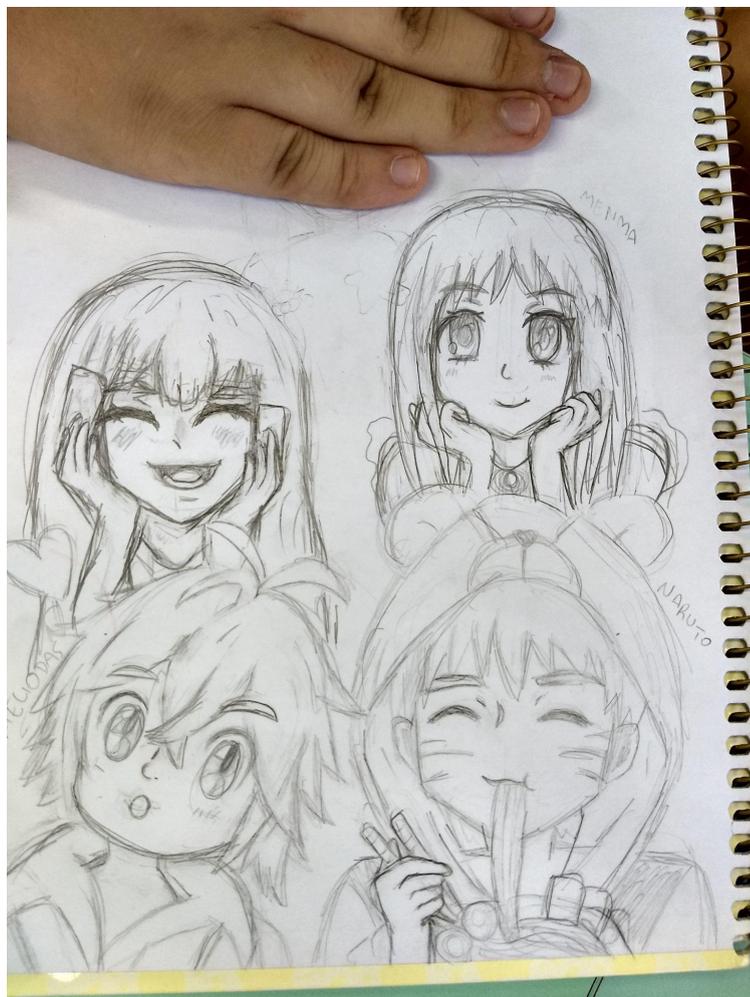
Fonte: Estudantes da turma 73.

A maioria dos trabalhos de ilustrações ainda estavam sendo desenvolvidos em todas as turmas e não consegui ter acesso a todos eles finalizados. No entanto, durante as aulas de produção desses materiais pude presenciar diversas formas de organização de grupos, pois eu havia concedido total autonomia na escolha de processos artísticos. Alguns estavam sendo feitos com colagens e pinturas, havia também uns grupos que estavam produzindo através de fotografias digitais que seriam trabalhadas posteriormente no laboratório de informática da escola.

Eu ficava durante essas aulas passando pelos grupos para saber o que estavam fazendo e projetando, e via de tudo um pouco. Algumas equipes estavam bastante entusiasmadas e tinham ideias muito criativas, e confesso que sentia vontade de entrar no grupo para ajudar no processo. Mas também havia os que estavam de certa forma indiferentes à proposta de trabalho, e era com estes que eu tentava focar um tanto mais de minha atenção, na tentativa de cativá-los numa ideia de produzir algo. De certa forma eu me via um pouco neles também, pois quando eu tinha a mesma idade, não era qualquer coisa que me inspirava verdadeiramente a produzir arte nas aulas da disciplina que tive durante minha formação no Ensino Fundamental. Todavia, isso não significava que eu não gostasse de produzir arte na escola, eu apenas tinha dificuldades na disciplina de artes em si, uma espécie de declínio de interesse ao fazer o que mais gostava, no caso desenhar, quando a proposta ou ideia não era minha. Geralmente naquela época eu produzia mais desenhos nos meus cadernos durante os devaneios das aulas de outras disciplinas do que nas aulas de artes na minha antiga escola. Eu realmente não era um bom aluno na disciplina de artes naquele tempo, e arte era tudo para mim. Desde muito pequeno boa parte da minha rotina girava em torno de desenhar e tocar instrumentos musicais, e quando era adolescente era praticamente tudo que eu mais gostava de fazer. Inspirado nisso, busquei dialogar com esses grupos de estudantes que percebia que não estavam produzindo, e nesse diálogo sincero houve até mesmo estudantes que me mostraram alguns de seus desenhos que eles tinham feito em seus cadernos, da mesma forma como eu também costumava fazer, durante aulas de outras disciplinas. Creio que talvez nunca haveriam de me mostrar se eu não buscasse uma conversa descontraída, sincera e construtiva. Gosto de pensar na ideia de que, caso tivesse a oportunidade de continuar trabalhando com eles, hipoteticamente falando, como um professor efetivo e conhecendo um pouco mais de suas particularidades, possivelmente eu conseguisse potencializar

naqueles que não se mostravam realmente interessados na atividade, uma vontade de produzir de forma mais sincera, fazendo com que ocorresse uma certa identificação no diálogo entre professor e estudante.

Figura 20 – Contracapa do caderno de um estudante.



Fonte: elaborada pelo autor

Aprendi nessa experiência que em aulas cuja temática gira em torno da esfera do campo democrático, há enorme potencial e um incrível espaço para se trabalhar a questão do respeito mútuo. Não que isso seja uma exclusividade deste determinado campo e que não se possa ou deva trabalhar isso em tudo que se faça no ambiente escolar, porém, o ato de ouvir o outro, aceitar trabalhar numa escolha que seja alheia à sua vontade ou particularidade, como acontece numa sociedade democrática, elastece significativamente o campo das possibilidades de se trabalhar de maneira construtiva o respeito mútuo entre os estudantes.

O respeito necessita também ser trabalhado no campo criativo, e a arte é uma incrível ferramenta para isso.

Conclusão

Trabalhar com o universo das artes dentro do ambiente escolar, além de ser um desafio constante devido à escassez de materiais e pouca carga horária semanal com as turmas, pode ser também um momento de grandes descobertas e aprendizados mútuos. O universo artístico é bastante amplo e instigante em diversos campos que vão além das artes visuais. Quando integrados em projetos que visam além da simples entrega de um trabalho concluído pelos estudantes, onde o processo encontra-se em movimento com a realidade do coletivo, possibilitando a abertura do espaço para a escuta, apreciação e até mesmo interação com aquilo que possa estar alheio ao cotidiano particular de cada indivíduo, viabiliza a aproximação e descobertas de novos estilos e gostos artísticos em comum entre estudantes dentro da própria comunidade escolar. Abrir as portas para o diferente, exercitar os direitos civis em pequenas coisas do cotidiano, provocar o pensamento crítico, fomentar um espírito de união também é papel das artes em nossa sociedade.

Entendo ser de suma importância o professor estar sempre aberto a alterações no seu planejamento, entender que seu papel vai além de ser um simples depositário de conteúdos engessados e por muitas vezes alienados à cultura local e ao universo das artes vivenciadas pelos seus estudantes. A busca por uma conectividade emocional com as turmas não pode excluir objetos ou temas significativos para aqueles que vivenciam aquele breve encontro semanal. No projeto de ensino que utilizei em minha experiência de estágio e que pude descrever aqui neste trabalho, teve também como uma preocupação central a possibilidade de potencializar uma dinâmica de subjetividades, o encontro com o diferente que está diariamente próximo, mas que facilmente pode passar despercebido mesmo num convívio entre colegas por anos.

Na reflexão que fiz durante a produção desse projeto de ensino, memórias de vida como estudante em aulas de artes no período de escola no Ensino Fundamental em escola pública me vieram à mente. Geralmente eram aulas que tinham foco na produção individual. Também tínhamos pouco tempo de aulas durante a semana, menos de uma hora semanal na época, onde eu era motivado a trabalhar apenas com a minha subjetividade, com minhas emoções e bagagens culturais. Geralmente os trabalhos em grupo que envolviam engajamento mais

apurado que necessitasse um pouco mais de pensamento crítico entre eu e meus colegas aconteciam em outras disciplinas na escola. As aulas de artes que envolvessem dinâmicas de grupo eram geralmente para uma apresentação coletiva em alguma data especial do calendário de festas, onde a produção era focada apenas em decorações, como as bandeirinhas coloridas das festas juninas, por exemplo. A arte precisa ser potencializada também como um espírito e fazer coletivo no ato de criar, de trabalhar na escuta do outro, de se deixar afetar por aquilo que lhe possa ser desconhecido.

A promessa de interação social advinda dos meios digitais de comunicação e de redes sociais na internet, provou também cultivar o espírito de consumo e manutenção de bolhas de convívio social. A polarização política durante este período que vivemos em nosso país ficou mais dilatada e presente na vida de boa parte dos cidadãos em nossa sociedade, e no ambiente escolar que pude experienciar como estagiário não era diferente. Vi naquele momento de observação das aulas que poderia trabalhar o exercício da democracia e de práticas artísticas que propusessem a integração entre os estudantes. Percebi que a música tem uma incrível força de unir pessoas pela emoção, divertimento e reflexão. Tive a oportunidade de experimentar na prática o ato de observar a escola como um lugar vivo e com suas necessidades no momento de projetar minhas aulas, e posso afirmar sinceramente que isso me cativou realmente na prática, muito além de toda bagagem teórica.

Durante minha experiência na prática docente realizada no Estágio Supervisionado do Curso de Licenciatura em Artes Visuais, vivi e presenciei de perto muitas das dificuldades que as escolas e os professores da rede pública ainda enfrentam. Tive meu projeto de ensino interrompido por uma greve justa, presenciei servidores passando necessidades por terem seus salários parcelados e atrasados. Testemunhei estudantes divididos e separados no espaço físico em sala de aula por motivos políticos, e nesta experiência muito significativa em minha vida pude perceber que a mudança considerável acontece de baixo para cima na estrutura social.

Um fato de suma importância que também colaborou para algumas escolhas que fiz no projeto de ensino aplicado no estágio e na elaboração deste trabalho de conclusão de curso, foi a constatação do quanto a democracia brasileira tem sido acometida nos últimos anos por diversas correntes reacionárias, através de manifestações que visavam atacar sistematicamente o Estado Democrático de

Direito, pregando a desarmonia entre os poderes legislativo, executivo e judiciário. Durante esse tempo foi corriqueiro ver em algumas dessas manifestações de cunho reacionário pelas ruas e redes sociais, a reivindicação da volta de um regime militar no país, se utilizando também da apologia ao Ato Institucional número 5, usualmente conhecido como AI-5, cujo decreto foi emitido em 13 de dezembro de 1968 durante o governo de Artur Costa e Silva. O AI-5 é considerado como um marco que deu origem ao período mais obscuro da ditadura militar no Brasil, sendo o fim de uma transição que verdadeiramente instaurou um período ditatorial no país, e ver esse tipo de reivindicação acontecendo com apoio e também com indiferença entre uma parte da população, isso realmente deve ser tratado como algo efetivamente preocupante, pois trata-se de um terreno fértil para o cultivo do ódio e da ignorância. E esse é um dos principais motivos pelos quais eu acredito que o espírito democrático necessita ser incorporado a variadas práticas escolares, independente dos posicionamentos ideológicos sobre política, mas sempre tendo o respeito às diferenças como um horizonte a ser seguido. Nosso regime político democrático no Brasil é muito jovem e certamente ainda temos muito a aprender, construir e aperfeiçoar para solidificar uma consciência democrática como nação.

É mais fácil cairmos quando estamos separados. Com a união advinda das bases podemos resistir e cultivar uma transformação relevante, e com a arte e por meio dela fortalecermos com dedicação e alegria nosso espírito de empatia.

Figura 21 – Arte representando a união na parede da escola.



Fonte: elaborada pelo autor

Referências

BARBOSA, Ana Mae; Cunha, Fernanda Pereira da (Orgs.). **A abordagem triangular no ensino das artes e culturas visuais**. São Paulo: Cortez, 2010.

CEZAR MC. FEAT CRYSTAL. **Canção Infantil**. Disponível em disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Ri-eF5PJ2X0>. Acesso em: 13 out. 2021.

PUIG, Josep M. et al. **Democracia e participação escolar: propostas de atividades**. São Paulo: Moderna, 2000.

RIBEIRO, José Mauro Barbosa (org.). **Trajetória e políticas para o ensino das artes no Brasil** : anais da XV CONFAEB – Brasília : Ministério da Educação, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 37. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE . Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 58. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais / Secretaria de Educação Fundamental**. Brasília: MEC/SEE, 1998.

SCOZ, B. J. L. **Subjetividade de professoras/es: sentidos do aprender e do ensinar**. Psicologia da Educação, v. 26, p. 5-27. 2008.

NASSIF, S.C.; SCHROEDER, J.L. **Música e imagem: construindo relações de sentido**. Leitura: Teoria & Prática, Campinas, v.32, n.62, p.99-114, jun. 2014.

Anexo I

PROJETO DE ENSINO

Relações entre Artes Visuais e Música no Ensino Médio

Estagiário: Leonardo Slaviero Martins

Escola: Colégio Estadual Florinda Tubino Sampaio

Endereço: Av Montenegro, 269 – Bairro Petrópolis, Porto Alegre.

Professora supervisora: Fernanda Campos

Disciplina: Arte

Turmas: 107 e 305

Carga horária total: dez horas de observação e vinte horas de docência.

1. Contexto da escola e turmas observadas

O colégio Estadual Florinda Tubino Sampaio que fica no bairro Petrópolis em Porto Alegre, nas minhas primeiras observações se mostrou ser uma escola bem organizada no que diz respeito ao espaço físico em comparação a outras escolas estaduais que observei ao longo da faculdade, e que estimula processos voltados às artes. As turmas do ensino fundamental que eu observei em todas as aulas estavam voltadas aos ensaios para uma apresentação de dança que acontecerá na escola, já o ensino médio, este estava focado apenas em aulas teóricas.

2. Temática principal

A temática gira em torno da música e de todo um amplo universo visual associado a ela, pôsteres, cartazes de shows, fotografias e videoclipes. Mostrar aos alunos como é de suma importância a linguagem visual no campo fonográfico e musical e como essas diferentes dimensões da arte se inter-relacionam.

3. Objetivos gerais

O objetivo é trabalhar com eles a representação visual através da música e instigá-los sobre os conceitos das obras apresentadas por mim e outras escolhidas pela própria turma através de uma eleição democrática. O intuito desse projeto é fazê-los trabalhar em equipe e também pensar em diversas formas de organização desta equipe para produzir obras conceituais sobre a temática das músicas que potencializam um pensamento crítico. Levarei para eles alguns trabalhos que fiz em coletivo para capas e encartes de discos e os utilizarei como exemplo para este tipo de expressão artística, além de ajudar a pensar em diversas formas de organização de trabalho em equipe. Com estes exemplos de capas que fiz poderei mostrar que este tipo de trabalho não é extraordinário, ou feito apenas de forma individual, e que é um campo artístico que existe em nossa realidade local.

4. Justificativas

Ao conhecer a escola vi que ela tem um universo musical bastante interessante e que os alunos gostam muito de trabalhar com músicas. Nas aulas do

ensino fundamental que observei as turmas estavam ensaiando para uma apresentação num evento chamado “Tubino’s Dance”, será um dia em que todas as turmas do fundamental irão se apresentar dançando diversas músicas no pátio da escola. Nessas mesmas aulas reparei que os próprios alunos se organizavam sozinhos nos ensaios para a apresentação, com pouquíssima intervenção da professora. Alguns estudantes vieram conversar comigo sobre música e perguntar qual era o meu gosto musical e coisas relacionadas a este universo, tanto no ensino fundamental quanto no médio, e isso me fez ter a idéia de trabalhar o mesmo com ambos.

5. Planilha de aulas

1ª aula
Conteúdo
Inter-relações entre artes visuais e música.
Objetivos
Fazer uma introdução na temática artes visuais na música através de imagens.
Metodologia
Nesta aula irei começar mostrando alguns exemplos impressos de cartazes, encartes e capas de discos e conversar com eles sobre o assunto. Solicitarei que eles escolham de forma individual uma música durante a semana, anotar o nome do artista e a canção que gostariam de trabalhar em sala de aula durante as próximas aulas. Não será necessário eles trazerem esta música em mídia física, apenas os dados, pois irei levar o equipamento necessário para a reprodução das músicas em sala de aula através da internet. Depois irei passar para eles recomendações para materiais que serão utilizados na próxima aula, ouvindo e esclarecendo algumas dúvidas sobre a proposta apresentada.
Avaliação
Quais foram as percepções mais recorrentes perante a apresentação da temática e a proposta de trabalho para a turma? No caso de alguma dúvida não ter sido plenamente esclarecida, como trabalhar e como resolvê-la até a próxima aula? Como foi a resposta da turma sobre a escolha temática das artes visuais no campo da música?
2ª aula
Conteúdo
Músicas solicitadas na aula anterior.
Objetivos
Proporcionar uma audição coletiva e potencializar o espírito democrático entre os alunos.
Metodologia
Reproduzir cada música proposta pelos alunos na sala de aula de forma dinâmica e rápida, para que todas as músicas possam ser ouvidas, sem exceção. Depois com o nome de cada música anotada no quadro, promover um debate sobre qual música poderá ser trabalhada com a turma e estabelecer uma votação para a escolha de apenas uma música que será trabalhada nas próximas aulas.
Avaliação
De que forma a eleição da música a ser trabalhada nas próximas aulas contribuiu para os estudantes refletirem sobre o conceito de democracia? Os alunos reagiram bem à escolha, ou teve algum problema de rejeição? Houve tempo suficiente para que houvesse um debate organizado? Foi possível uma análise através dessa votação sobre as dinâmicas de afetos e lideranças entre os alunos?

3ª aula
Conteúdo
Ilustração a partir de música eleita pela turma
Objetivos
Estimular o trabalho criativo em equipe e as diversas formas de organização para produzir uma ilustração conceitual sobre a temática da música e através disso potencializar um pensamento crítico.
Metodologia
Separar a turma em trios, colocar a música eleita para tocar, preparar uma atmosfera de inspiração. Os grupos estão livres para trabalhar com o material de livre escolha, desenho, colagem, fotografia (utilizando os próprios celulares), pintura... Durante o processo o professor irá fazer registros em vídeo dos processos de criação dos grupos, para edição de um videoclipe e exibição na última aula do projeto.
Avaliação
Na hora da organização dos grupos, como foi a reação e organização da turma? O Foco e estímulo dos grupos para a realização da tarefa poderia ser trabalhada de alguma maneira mais eficaz? No caso de os alunos escolherem trabalhar com fotografia como se deu o resultado desse processo dentro da sala de aula?
4ª aula
Conteúdo
Trabalhos feitos na aula anterior e curadoria artística.
Objetivos
Trabalhar com alunos a organização e curadoria das obras produzidas.
Metodologia
Organizar a sala de artes para expor os trabalhos dos grupos. Passar para os estudantes o conceito de curadoria artística. Logo após a turma irá coletivamente analisar cada uma das obras expostas, e neste momento estimular para que o grupo que está tendo seu trabalho apreciado possa fazer uma apresentação e diálogo com o público. Neste momento irei fazer registro de vídeos para o videoclipe.
Avaliação
De que forma se deu a organização da sala para a exposição? De que forma foi assimilada o conceito de curadoria na hora da apresentação dos trabalhos?
5ª aula
Conteúdo
Videoclipe editado pelo professor a partir das aulas.
Objetivos
Mostrar para a turma que com recursos simples que fazem parte do nosso dia-dia, é possível fazer produções audiovisuais e que o vídeo mesmo sendo editado pelo professor, também faz parte do processo de toda a turma, e com isso estimulá-los a produzir mais trabalhos de forma coletiva e organizada. Passar para eles que cada um com sua potencialidade e talento, se unidos com outras pessoas em um trabalho coletivo pode colher resultados que sozinho seria muito mais complicado.
Metodologia
Esta aula será na sala de vídeo para a reprodução do videoclipe editado para a turma. Logo após teremos uma conversa sobre os temas abordados na música trabalhada, fazer uma análise de como decorreu os trabalhos dos grupos, questioná-los sobre as suas maiores dificuldades durante o processo.

Avaliação

Quais foram as maiores dificuldades colocadas pelos alunos sobre o projeto? Quais foram as reações ou análises críticas mais relevantes sobre vídeo?
--

6. Avaliação dos alunos

A avaliação dos alunos se dará durante todo processo das aulas, através de observação de empenho e dedicação na produção dos trabalhos.

7. Recursos

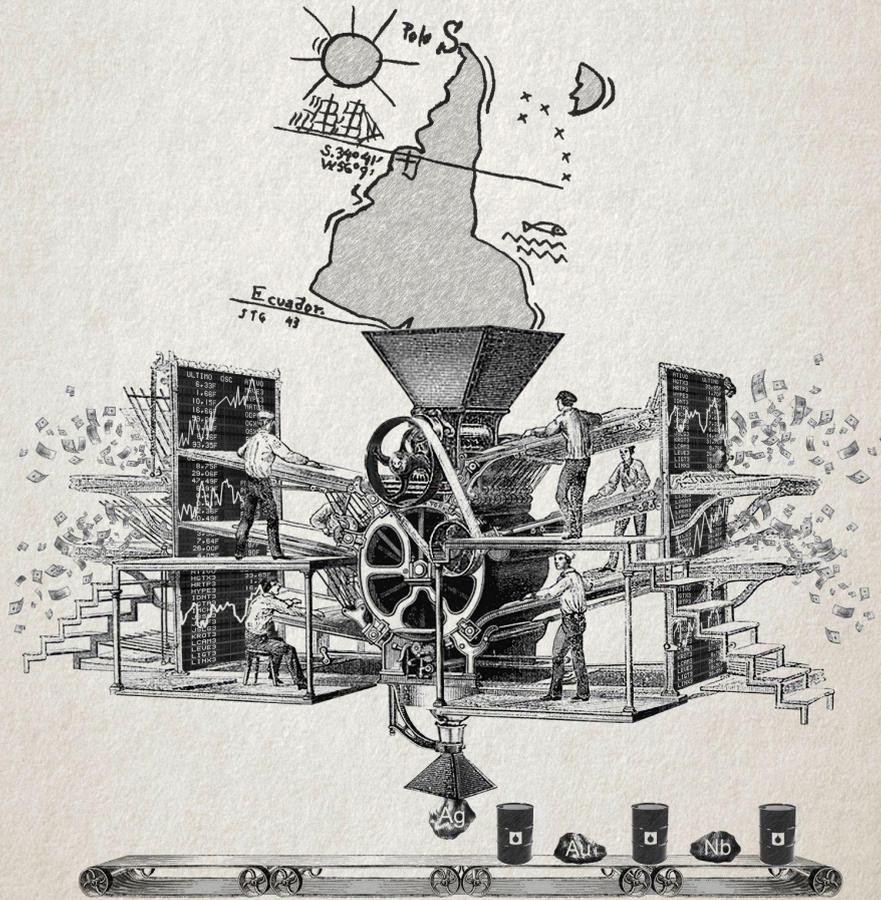
Papel sulfite, impressões com reprodução de obras artísticas no campo da música, lápis de cor, giz de cera, tinta têmpera, tesoura, cola, revistas, celular, caixa de som portátil (bluetooth).

Anexo II

Alguns exemplos de artes para capas e encartes de discos criados de forma coletiva pela Marte - Estúdio de Ilustração, onde trabalho em parceria com a artista Sílvia do Canto, que foram produzidos no mesmo semestre do ano da experiência de estágio, e que também foram utilizados como exemplo de produção coletiva durante as aulas.



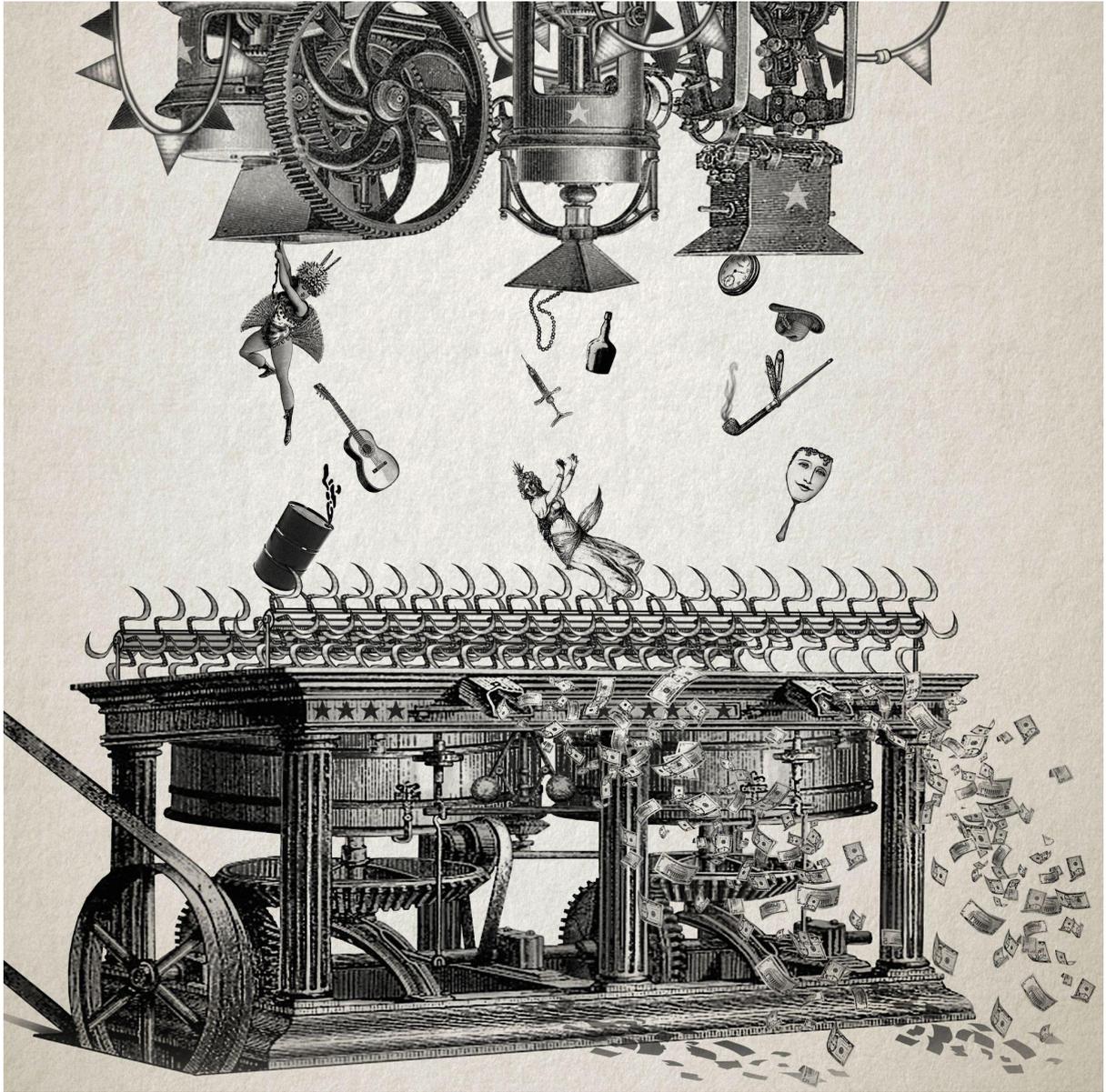
SANDRO CEREN OPORTUNIDADE

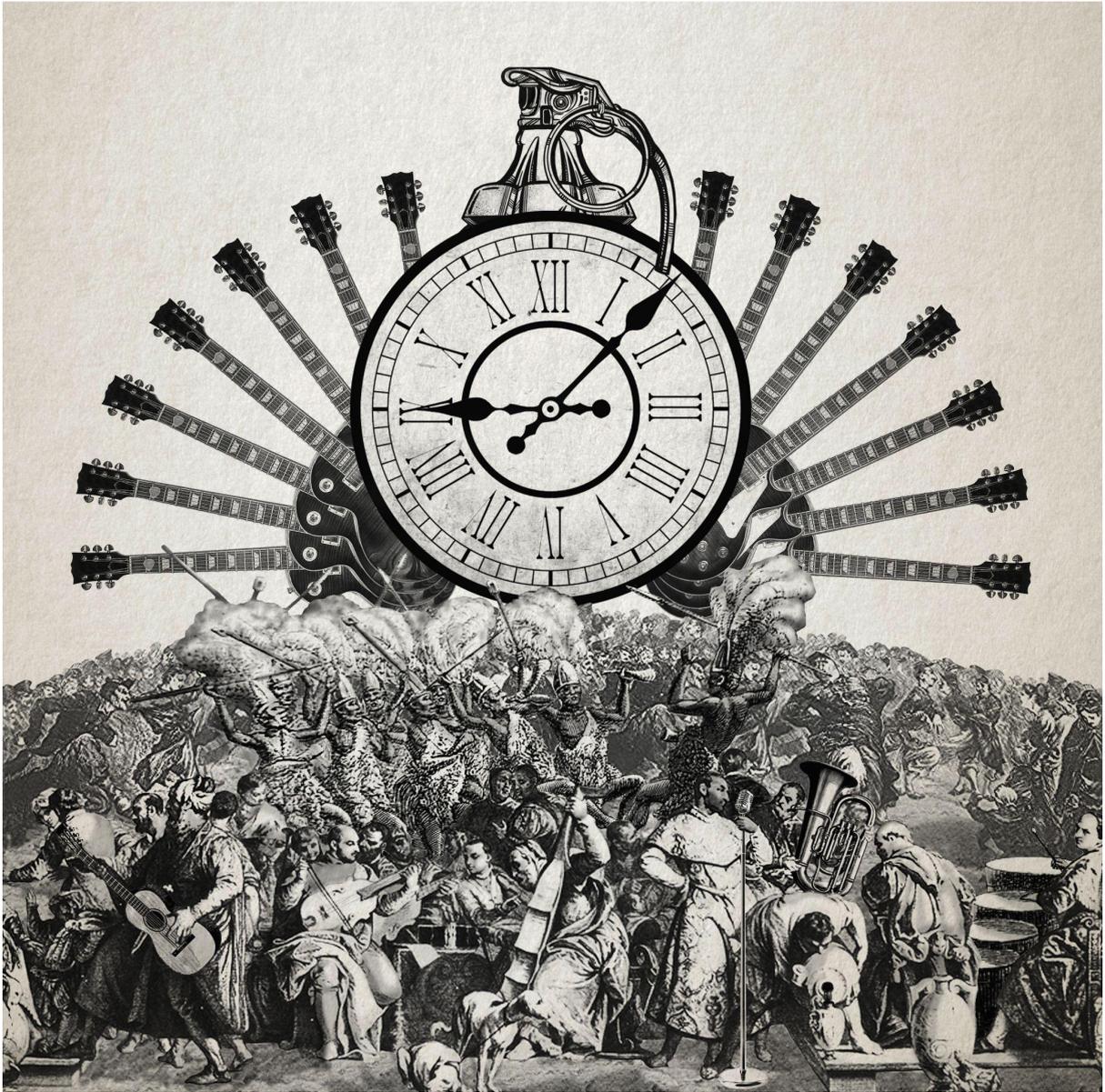


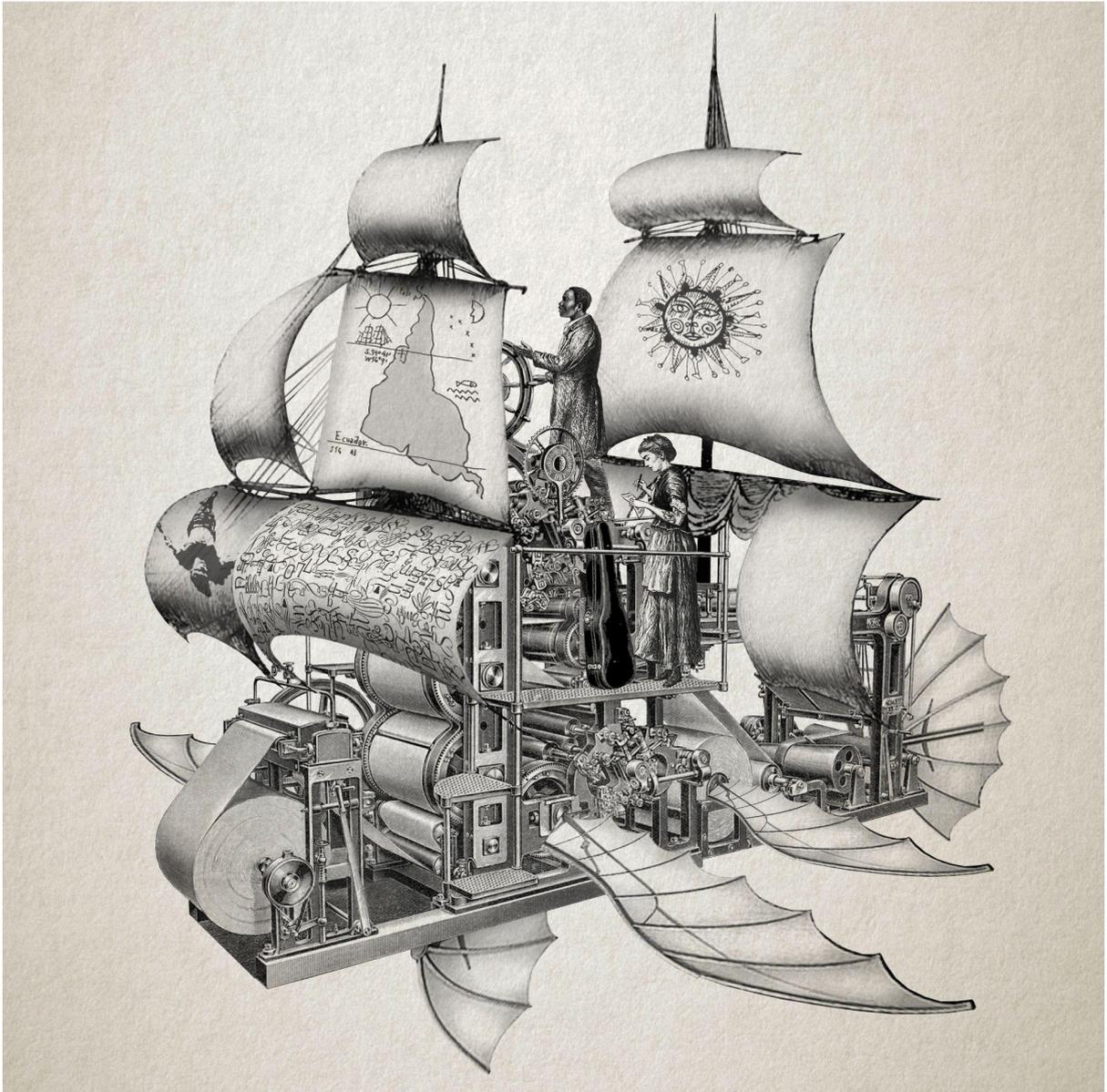




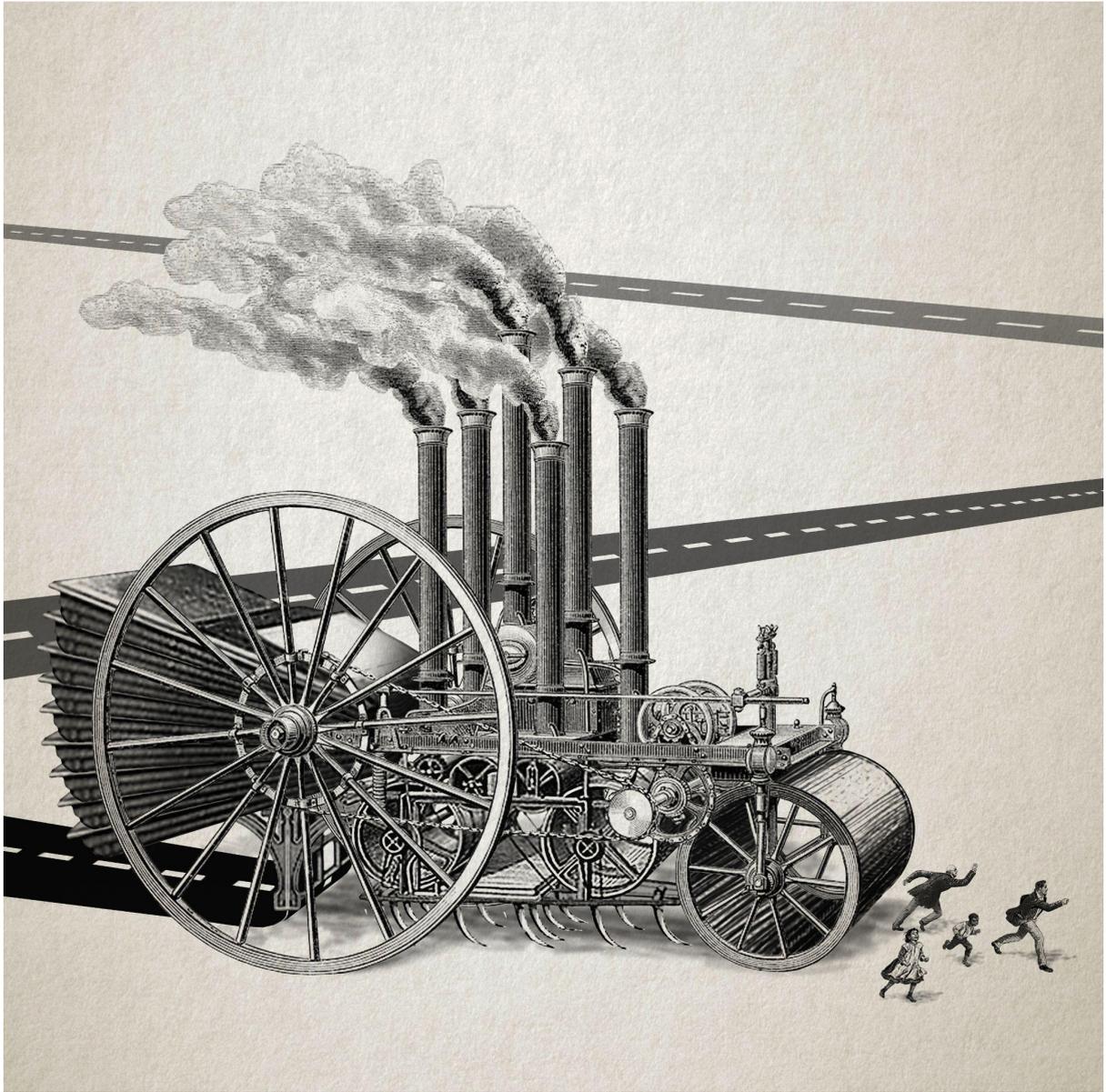




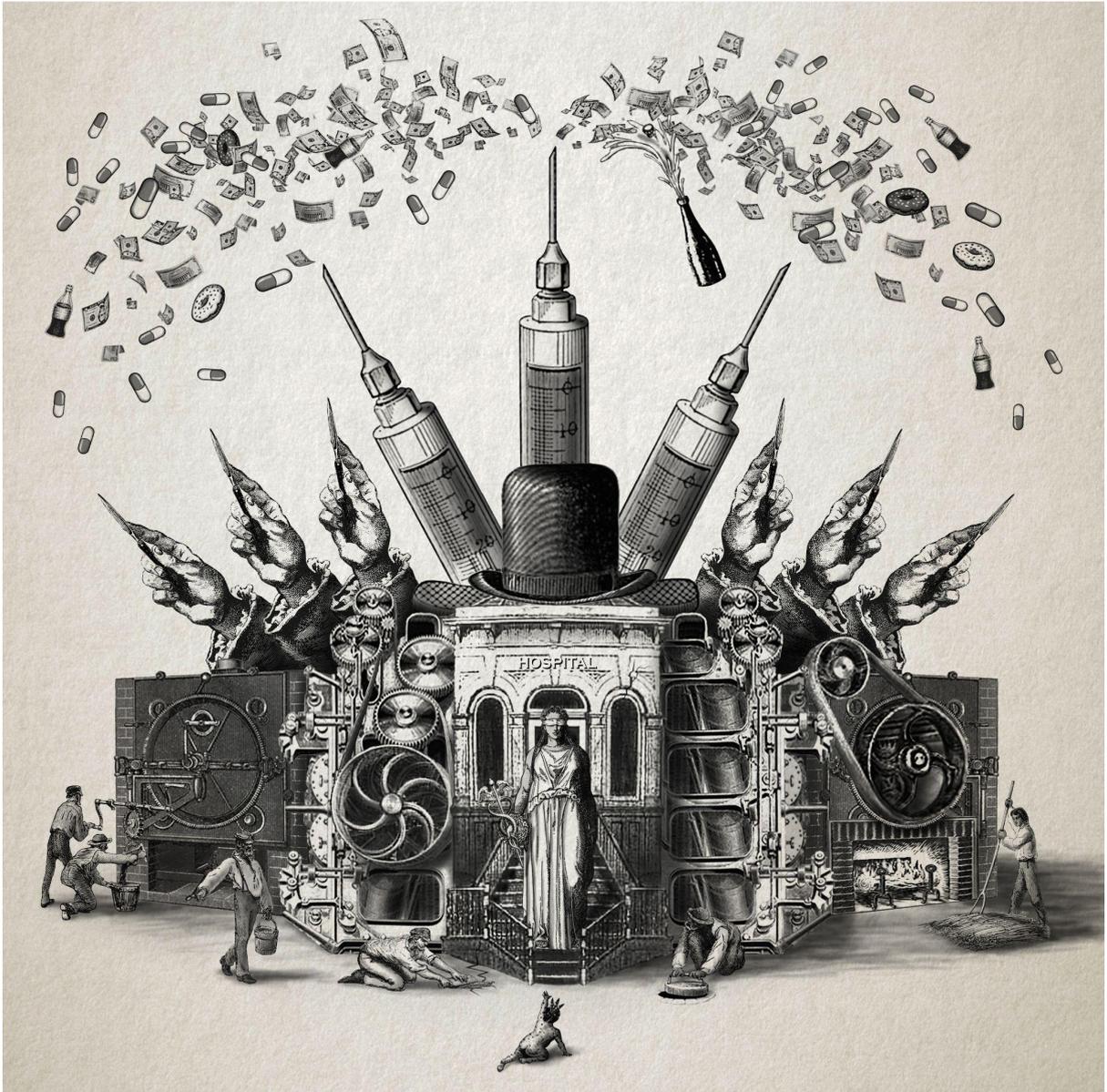












1. Oportunidade
 SAIA-TUDO DA, AS CINZAS DEBENTRADAS
 VIA OLHARES DE DESPREZO, MAS NÃO VIGIA PRA MIM ADA
 OLHA AS MASIAS E LA ANAGIOS NOS JORNALS
 MOGNA NO SUEBIO, VIVA ISOLADA
 DA PIRTA FECHADAS, NÃO DESAMADA
 BUECIA UM LUGAR MELHOR NESTA CIDADE
 ANDAVA ENQUETADO, NÃO ERA BRANCO NEM PERDEDO
 ESPERANÇO NO FUTURO, SOMOS DE VERDADE
 BUECIA DESEJE UMA OPORTUNIDADE
 MAS O SISTEMA É RESERVADO, E DISCRIMINAÇÃO
 ADESA COM OS SONOS, AUMENTA O SEU TEMOR
 É CONSCIENTE E INCONSCIENTE, O CÉDIO CAPITAL
 JIMICE A JUOCENTES, A GRENÇÃO SOCIAL
 JÁ É TRODE DA NOITE, UMA MEMÓIA DEGRADADA
 TEM PLAVOS IMPROSSÍVEIS, A PEQUENA DA PERFEIÇÃO
 FAZ CAMBIOS NA CAPELA, NAS MANHÃS DE SOMNIO
 NA PRESENÇA DE FAMILIAR, E PARENTES INDECIOS
 GOSTA DE ESTAR EM MEIO A COMUNIDADE
 CANTORA NA ESCOLA, MAS ROAS DE AMIGOS
 LETRAS ENVAZESITAS, TEM TANGIO E GARELMA
 QUEB SE REBEZE, UMA COMUNITADIDE
 SOMOS SUDAMERICANOS, UNIDOS EM UM SOO PUEBLO
 ESPERAMOS MELHOR VIDA, Y JUSTICIA PARA TODOS
 BUSCAMOS MÁS TERREINIA, Y TAMBÉN FELICIDAD
 HACEE CAMBIAR LA SOCIEDAD, ATRAVÉS DE LA LIBERTAD
 SOMOS SUDAMERICANOS, UNIDOS EN UN SOO PUEBLO
 QUEREMOS MÁS SAUDY, Y ESPERANZA PARA TODOS
 BUSCAMOS MÁS CUERDA, Y TAMBÉN EDUCACION
 HACEE CAMBIAR LA SOCIEDAD, ATRAVÉS DE LA LIBERTAD
 NÃO TEM QUE SER PERPETUO
 PODR TER OS SEUS DEFEITOS E NÃO VAMOS
 NÃO VAMOS TE JULGAR
 NÃO TEREMOS DECOGNOMO
 NIVUMEM PODE TER DREITO DE TRODE
 DE FAZER VOCE CHOEAR
 O AMANHÃ VAI SER MELHOR
 VAMOS JUNTOS CAMINHAR
 E SE APROXIMAR
 PODEMOS IR EM FREITE
 TER UM SONHO CONSISTENTE
 E NOS LIBERTAR
 ALGUÉM NOS DISSE SOMOS DIFERENTES
 MAS EU, VOCE, ABRIAMOS NOSSAS MENTES
 E SOMOS IGUAIS
 SOMOS IGUAIS



2. Mãe em Júpiter
 VOCE DESEU EN PORTO
 VOU PULO GATIBA
 COURO PULO GARGATEO
 ANDOU PULO MARINHA
 TUDO É TANTO GILDO
 TUDO É TÃO ACIDO
 VOCE FICOU EM VANDRES
 VOUTOU PARA O BOM TAM
 EPEREENÇA NO OCEANTE
 NO PARECE FAREQUILHA
 TUDO É SACRIFICIO
 TUDO É TÃO ERGICO
 ONDAS ESTERMINAMENTOS
 TRAZEM SINAIS DE VIDA
 MAIS EM JÚPIER



3. Lamento da Pochochamama
 ABUSARAM DE MIM
 DA TUDO PARA VOES
 OSA, AS ESTRELAS E O MAR
 E QUANDO SERÁ?
 QUE NÃO ENTENDER
 E NESSE LUGAR
 QUE NÃO SE PERDER
 E QUANDO SERÁ
 QUE NÃO PERDEDER
 ESTÁ DE POSSADEM
 E É SOMENTE UMA VEZ
 ME MALICITARAM
 ESTOU TESTE COM VOES
 ANDEIARAM MINHAS JUDES
 ARRASTARAM MEU SAREM
 NÃO TE ESCOLAM, NÃO TE VEM
 E NÃO QUEREM TE SEQUE
 TOTE ESSA INDIFFERENÇA
 TÁE PATE DO SEU PAM
 E QUANDO SERÁ?
 QUE NÃO APEVEJER
 MEU GORO E FRALDO
 DEMORO A CREBER
 E QUANDO SERÁ?
 QUE NÃO ME QUEBER
 ESTAR AO MEU LADO
 ME CUIDAR PARA VIVER
 E QUANDO SERÁ?
 ENJE VAI SE RENDER
 PASSARE A ME AMAR
 COMO EU AMO VOES

4. Lenda Popular
 CENTRO DE ESTUDOS DE DIFUSA NACIONAL
 BANDEIRA HISTRADA DA JUSTIÇA SOCIAL
 PALAVRAS DIREITAS CONTRA A ELITE INDUSTRIAL
 RESISTÊNCIA UBERANA AO MISERABRE GIBDICAL
 INTERESSES NA BUREA E BUREIA MINERAL
 CINESE TRADICIONAL NAS PENTONAS E JORNALS
 HESOS DOLIVIAH VIDA ALTO PROCEBIA
 INTERFERENCIA ESTERNA PARA O DOMINIO COLONIAL
 JUIES COMANDADOS PELA ORDEM MUNDIAL
 DIREITO HUMANOS, UTOPIA OERT
 LIBERDADE DE EXPRESSÃO E PEGADO CAPITAL
 INDEPENDENCIA LATINA VIDA UBERA POPULAR

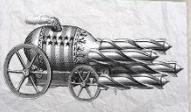
5. Operários
 NASCEMOS OPERÁRIOS
 NOVOS PROLETÁRIOS
 O SISTEMA NÃO TE PRODUZ
 SE VOCE SE REBELAR
 NASCEMOS INOCENTES
 IGUAIS E DIFERENTES
 O RÓDIO NÃO TE PRENDE
 SE VOCE SE REBELAR
 NASCEMOS DEGRADADOS
 SOLDADOS CONTROLADOS
 A PARDA NÃO TE PRENDE
 SE VOCE SE REBELAR
 NASCEMOS RESISTENTES
 NO ORENTE E NO ORENTE
 O REGIME NÃO TE PRODUZ
 SE VOCE SE LIBERTAR
 NASCEMOS CONSCIOS
 FUSCATOR UTILIZAS
 A CEBICA NÃO TE PRENDE
 SE VOCE SE LIBERTAR
 NASCEMOS CONSCIENTES
 IBERANTAS INDEPENDENTES
 A MARCA NÃO TE PRENDE
 SE VOCE SE LIBERTAR



6. Entrega del Sur
 MAIS PEGU QUE DUNAR
 MAIS SINAIS E VENDER
 MAIS RESPIRO E ENTREGAR
 VOCE NÃO PERCEBER
 MAS TE ENGANARAM
 DE QUEM É A CULPA?
 VAMOS ENTREGAR NOSSAS ESCOLAS
 NOSSA CULTURA, O RADIO E TV
 OS RESTAURANTES E ESTABANIMENTS
 ESTA TUDO A VENDA E SO VIM PARA VER
 PROCEBOS DE LIMPEN
 E A GONNA DE DEUTRES
 VAMOS ENTREGAR NOSSAS ESCALAS
 TODOS OS JINCOIS E OS MINERIOS
 NOSSAS PEGOVAS E O PETROBLO
 NOSSAS FABRICAS E A INDUSTRIA NAVAL
 E PEGAMOS SUAS CONTAS PARA PAGAR
 VAMOS ENTREGAR AS NOSSAS LOJAS
 OS TAMBORAS E OS MERCADOS
 NOSSOS ANDES E AS USINAS
 NOSSO CARNAVAL E A ALEGRIA
 O GOVERNAMENTO E A BURE DE LIMPAMENTO
 COM TODA CONTA

7. Português
 VOCE QUE ACCORDIA NESTES SONHOS ESTRANJOS
 TEM INDISTINÇÃO PELOS FILMES HOLLYWOODIANOS
 ENTUSIASMA DA GRANDE MIMOSA COGNIVA
 ATIVISMO DA MASCARDE DA CULTURA BRASILEIRA
 EU NÃO QUERO SO TALAR EM INGLÊS
 GRANDE AMIGOS ENTENDEM O PORTUGUÊS
 OU ESPANHOL, OU MENDIO, OU CHINEZ, OU JAPONÊS
 EU COMO EM PORTUGUÊS
 OU PORTUGUÊS, OU RUSSO, OU ITALIANO, OU HOLANDEZ
 EU COMO EM PORTUGUÊS
 EU NÃO QUERO SO OVR EM INGLÊS
 VERDADEIROS AMIGOS FALAM O PORTUGUÊS
 O PORTUGUÊS

8. Sem Limites
 NÃO TEMOS TEMPO PARA ESPERAR
 NÃO DEBE TUDO PARA DEPOIS
 TU NÃO SABES SE TERÁS
 OUTRA OUNHA PARA FAZER AMORER
 PARA VIVER
 O RELGIO NÃO JÁ PARA
 ATE VOCE SE DECIDIR
 VAI TER QUE TENTAR
 PARA NÃO SE ARREPENDER
 VAMOS, TODOS, JUNTOS NÓSSO SION
 ADESA E HOJA DE VIVER A MUNDIO
 EM CADA INSTANTE QUE PASSARE
 SEM LIMITES PARA VIVER
 SÃO MOMENTOS PARA LEMBRAR
 UMA INSTANCIA PARA SONAR
 PARA DEQUERER
 PARA LEMBRAR



9. Sentido da Vida
 EU SO QUERO SABER
 QUAL É O SENTIDO DA VIDA?
 EU QUERO ENTENDER
 POR QUE A PREGSA?
 QUANTO VAI UMA VIDA?
 FABRICA DE AUTOMÓVEIS
 TRÉPICO E REVOLUÇÃO
 EM LINHAS DE MONTAGEM
 ARMAS DE DESTRUÇÃO
 CONSTRUÇÃO DE ENTERRAOS
 ESCOLAS E REVOLUÇÃO
 ESCOLAS E REVOLUÇÃO
 ESCOLAS E REVOLUÇÃO
 MUNDIO DE DESTRUÇÃO



10. Hospital Estatal
 FECHARAM AS PORTAS DO HOSPITAL
 HÁ DOENTES ESPALHADOS NO LOCAL
 AS AMBULANCIA ESTERCADAS NO QUINTAL
 DESVIARAM O BUREBO ESTATAL
 FECHOU ATENDIMENTO PARA O CASAL
 A MENINA ZEVA A ME NO TERMINAL
 NÃO HÁ MAIS TICHAS NO HOSPITAL
 OS PIETORES VIAGRAM PARA O MERAL
 CLAREO E HUMBILIORE NO JORNAL
 REFERE ORENTE E SUCESSO INDUSTRIAL
 AIGRETAI CA CULTURA COGNOMIA
 PERDIGNADA DE CRIMANTE NO NATAL
 IDROSSA QUE VICIAM
 MINIMIZAM O MEU SEQUE
 FARMACÉUTICOS ORETTUNOS
 DECRETAS PARA O DOUTOR
 POMÉDIOS QUE NÃO CURAM
 SO ENGANAM A TUA DOR
 SISTEMAS QUE CONTROLAM
 A TUA FERRE DE VIVER
 HOJE MAIS UM HOSPITAL PÚBLICO TEVE QUE FECHAR SUAS PORTAS
 SUPERLIGIÇÃO, FALTAM REMÉDIOS, NÃO HÁ DEBROSSO
 O DINHEIRO PARA SAÚDE DESAPARECEU EM BEANSHA
 OS POLÍTICOS ESTÃO ESQUECENDO DOS MENOS FAVORÉCIOS
 QUEREMOS QUE OS RECURSOS PARA SAÚDE SEJAM PRIORITÁRIOS
 QUE AS DOENÇAS NÃO SEJAM ENCADENAS COMO OBTIVACIONES DE NEGÓCIO
 QUEREMOS QUE SEJA INCESSANTE A BUSCA POR REMÉDIO E VENCIDAS EMICARES
 QUE A SAÚDE SEJA TRATADA COM MAIS COMPASSIÃO
 QUEREMOS MAIS INVESTIMENTOS EM MEDICINA PREVENTIVA, EM EDUCAÇÃO ALIMENTAR
 MAIS DIVULGAÇÃO PARA O CONSUMO DE MEDICAMENTOS NATURAIS E ALIMENTOS SAUDÁVEIS
 QUEREMOS MAIS HONESTIDADE NA INFORMACÃO E NAS PROCEDURAS
 SONHAMOS COM UMA SOCIEDADE MAIS JUSTA E HUMANITÁRIA

